FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

LUÍS RIBEIRO MEDEIROS

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUAGEM POR MEIO DAS INTERAÇÕES NO *TWITTER*

PORTO VELHO

2021

LUÍS RIBEIRO MEDEIROS

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUAGEM POR MEIO DAS INTERAÇÕES NO *TWITTER*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras da linha de pesquisa Estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens.

Orientadora: Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

PORTO VELHO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

M488p Medeiros, Luís Ribeiro.

A Prática Social da Linguagem por Meio das Interações no Twitter / Luís Ribeiro Medeiros. -- Porto Velho, RO, 2021.

97 f.

Orientador(a): Prof.ª Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Discurso. 2.Gênero Discursivo. 3.Twitter. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU 808.51:004

Bibliotecário(a) Luã Silva Mendonça CRB 11/905

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

Luís Ribeiro Medeiros

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUAGEM POR MEIO DAS INTERAÇÕES NO TWITTER

Dissertação apresentada em dezenove de janeiro de dois mil e vinte um ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

Profa. Dra. Marilia Lima Pimentel Cotinguiba
Presidente da Banca e Orientadora (PPGML/UNIR)

Profa. Dra. Cristinne Leus Tomé
Membro Externo (UNEMAT)

Prof. Dr. Lucas Martins Gama Khalil
Membro Interno (PPGML/UNIR)

Porto Velho – RO
2021

Documento assinado eletronicamente por **MARILIA LIMA PIMENTEL COTINGUIBA**, **Docente**, em 19/01/2021, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **LUCAS MARTINS GAMA KHALIL**, **Docente**, em 19/01/2021, às 18:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

Documento assinado eletronicamente por **Cristinne Leus Tomé**, **Usuário Externo**, em 22/01/2021, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0574736** e o código CRC **EB421862**.

Referência: Processo nº 9991196206.000028/2020-38 SEI nº 0574736

LUÍS RIBEIRO MEDEIROS

A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUAGEM POR MEIO DAS INTERAÇÕES NO *TWITTER*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras da linha de pesquisa Estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens.

Orientadora: Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba

BANCA EXAMINADORA

_____

Presidente e Orientadora
Professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

_____

Membro titular
Professor Dr. Lucas Gama Khalil
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

_____

Membro titular
Prof. Dra. Cristinne Leus Tomé
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

_____

Membro suplente
Prof. Dr. Élcio Aloísio Fragoso
Universidade Federal de Rondônia - UNIR

PORTO VELHO, ___ de _____ de 2021

Agradecimentos

A Deus, Verbo Divino, pelo dom da vida e por permitir mais uma conquista em minha história.

À minha esposa Graziella, pelo incondicional apoio, paciência, companheirismo e pelas doses de sacrifício que fez para que eu pudesse estudar. Obrigado por reconhecer em meus eloquentes silêncios o que era reflexão e o que era preocupação, por ter participado comigo de cada fase desse processo. Essa conquista é nossa.

Aos meus filhos Murilo e Gabriel, que souberam entender minhas ausências, mesmo quando eu estava fisicamente presente, mas que nunca deixaram de perguntar se estava bem, de trazer um café, de pedir para dar uma pausa nos estudos e descansar. Obrigado, meus meninos, por serem a melhor parte de mim.

À minha cunhada Taisa, pelos diálogos, apontamentos e sugestões sempre pertinentes e assertivos.

Aos demais membros de minha família, que acompanharam com incentivos de ordens diversas e orações cada etapa desta formação.

À Profa. Dra. Marília Pimentel Cotinguiba, minha orientadora, sempre disponível e preocupada com meu crescimento, que, com muito tato, sabedoria e generosidade, soube me tirar de minha zona de conforto e me mostrar novos e extraordinários caminhos do saber. Obrigado pela humildade em compartilhar seu conhecimento comigo, pela franqueza dos diálogos, pelas cobranças necessárias e por sempre acreditar em mim.

À Profa. Dra. Leandra Inês Seganfredo Santos e à Profa. Dra. Cristinne Leus Tomé, ambas da UNEMAT, pelas oportunas sugestões e orientações na qualificação e defesa desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Lucas Gama Khalil, da UNIR, pela minuciosa análise e preciosas contribuições na banca de qualificação e defesa deste trabalho.

Aos professores do Mestrado em Letras da UNIR, que, com muita maestria e competência, apontaram caminhos para o mundo do conhecimento.

Aos colegas do mestrado, pelos momentos de estudos, de trabalhos, de ajuda mútua, acompanhados de cumplicidade e café.

Ao IFRO, pela concessão de afastamento para que eu pudesse estudar.

Ao GELLIC – Grupo de Estudos em Leitura, Linguagem e Identidade Cultura –, grupo de estudos embrionário de meus estudos *stricto sensu*, lugar em que o cafezinho é sempre acompanhado de conversas quase sempre informais, mas significativas sobre fazer ciência.

À Profa. Ma. Geovânia Maciel, pelas conversas e trocas de experiências.

À Profa. Dra. Mônica do Carmo Apolinário, pelos diálogos sempre instigantes.

À Profa. Ma. Dioneia Foschiani Helbel, amiga de profundo conhecimento e sabedoria, que, com muita generosidade e disponibilidade em nossos colóquios, sempre se fez presente nesse percurso. Muito obrigado por tudo.

À Profa. Ma. Regiani Leal Dalla Martha Couto, amiga e parceira de estudos e de trabalho, interlocutora de toda hora e a toda hora. Obrigado pelos diálogos, pelas discussões acadêmicas e pela contínua presença nessa jornada.

A todas as pessoas que, de alguma forma, estiverem presentes e deixaram um pouquinho de seu incentivo, oração e carinho. Obrigado.

Por fim, agradecimento especial à solidão. Ora indesejada, ora incômoda, esteve presente comigo, principalmente na fase da escrita. Obrigado por se fazer importante e necessária quando eu me sentia sozinho ou perdido, apontando caminhos.

Dedicatória

A meus pais, Aurílio e Margarida, semianalfabeto e analfabeta, que nunca deixaram de reconhecer, incentivar e, não raro, fazer sacrifícios pelos estudos dos filhos. A vocês, pais muito amados, dedico esta dissertação.

“Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem."

Mikhail Bakhtin

Lista de Figuras

Figura 01.....43
Figura 02.....44
Figura 03.....48
Figura 04.....49
Figura 05.....50
Figura 06.....51
Figura 07.....52
Figura 08.....54
Figura 09.....55
Figura 10.....55
Figura 11.....56
Figura 12.....57
Figura 13.....59
Figura 14.....60
Figura 15.....61
Figura 16.....63
Figura 17.....64
Figura 18.....65
Figura 19.....66
Figura 20.....67
Figura 21.....68
Figura 22.....68
Figura 23.....69
Figura 24.....69

Figura 25.....70
Figura 26.....71
Figura 27.....73
Figura 28.....74
Figura 29.....75
Figura 30.....75
Figura 31.....76
Figura 32.....77
Figura 33.....78
Figura 34.....79
Figura 35.....80
Figura 36.....81
Figura 37.....82
Figura 38.....83
Figura 39.....83
Figura 40.....84

Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo investigar de que maneira a linguagem verbal se molda às redes sociais, mais especificamente ao *Twitter,* analisando como estas mudanças interferem nas relações sociais por meio das interações nesse espaço virtual. A partir do conceito de gênero do discurso adotado por Bakhtin (2011), discutimos os gêneros digitais emergentes do uso da internet na vida cotidiana da sociedade e é nessa perspectiva que a pesquisa discute a postagem no *Twitter* como gênero discursivo. Para proceder a análise, foram coletadas as postagens de um jornalista e um religioso realizadas no *Twitter* num período de três dias. Ambos autores são brasileiros e muito conhecidos nesta rede social. A presente dissertação foi assim organizada: inicialmente são discutidas as concepções de Bakhtin (2010, 2011) sobre gêneros do discurso e de como estas postulações permeiam as relações sociais através da linguagem; em seguida, iniciam-se as considerações sobre os fundamentos da Análise do Discurso propostos por Pêcheux (2009), e adotados por Orlandi (1988, 2015). Porém, inscritos na perspectiva de Análise do Discurso defendida por Foucault (1999, 2007, 2019) em seus estudos sobre o discurso e a linguagem, ancoramos nossas análises em Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2011), cujos pressupostos teóricos sobre a Análise do Discurso permitiram tratar do conceito de gênero discursivo por meio da cenografia, que tem no mídium o lugar de materialização discursiva, ao mesmo tempo em que permite a interlocução entre enunciadores, o que dialoga com os postulados de Bakhtin. Por serem discursos materializados num ambiente virtual, mas que ecoam na vida social do indivíduo, recorremos à Linguística Aplicada, que nos auxiliou neste estudo, considerando sobretudo as noções de prática social da linguagem apresentadas por Celani (1992), Moita Lopes (1998, 2006), Signorini e Cavalcanti (1998), entre outros autores que compõem o escopo teórico e que permitiram compreender como se dão as relações sociais a partir dos discursos produzidos no *Twitter.* Serviram como aporte teórico de análise sobre o espaço virtual, e os discursos ali produzidos, as considerações de Crystal (2001) sobre a linguagem e o ciberespaço, que tiveram suas concepções e implicações sociais explanadas mais amiúde em Lèvy (1996, 1999), Recuero (2015), entre outros. Quanto à metodologia, o estudo se insere no paradigma qualitativo de pesquisa, pois analisa fenômenos sociais (Telles, 2002) a partir da linguagem, considerando a subjetividade dos agentes pesquisados em suas interações virtuais por meio dos textos verbais oriundos do *Twitter.* Os resultados demonstram que as cenas de enunciação, na intersecção de diferentes cenas enunciativas, mesmo em ambiente virtual, neste estudo, o *Twitter,* permitem a interação entre diferentes indivíduos que vão se constituindo sujeitos pelo discurso, ao mesmo tempo em que vão interferindo no espaço social por meio da linguagem.

Palavras-chave: Discurso, Gênero Discursivo, *Twitter*

Abstract

This research aims to investigate how verbal language is molded to social networks, more specifically to *Twitter*, analyzing how these changes interfere in social relations through the interactions in this virtual space. Based on the concept of genre of discourse adopted by Bakhtin (2011), we discuss the emerging digital genres of Internet use in the daily life of society, and it is from this perspective that the research discusses *Twitter* posting as a discursive genre. To carry out the analysis, posts of a journalist and a religious were collected on Twitter in a period of three days. Both authors are Brazilian and well known in this social network. This dissertation was organized as follows: initially Bakhtin's (2010, 2011) conceptions of genre of discourse and how these postulations permeate social relations through language are discussed; then, considerations on the foundations of Discourse Analysis proposed by Pêcheux (2009), and adopted by Orlandi (1988, 2015). However, engaged with the approach of Discourse Analysis defended by Foucault (1999, 2007, 2019) in his studies on discourse and language, we anchored our analyses in Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2011), whose theoretical assumptions on Discourse Analysis allowed us to deal with the concept of discursive genre through scenography, that has in the mydium the place of discursive materialization, at the same time that it allows the interlocution between enunciateurs, which dialogue with Bakhtin's postulates. As discourses materialized in a virtual environment, but that reflect on the social life of the individual, we resorted to Applied Linguistics, that helped us in this study, considering above all the notions of social practice of language presented by Celani (1992), Moita Lopes (1998, 2006), Signorini and Cavalcanti (1998), among other authors that compose its theoretical scope and that allowed us to try to understand how social relations happen from the discourses produced on *Twitter*. Crystal's (2001) considerations on language and cyberspace, which had their conceptions and social implications explained more often in Lèvy (1996, 1999), Recuero (2015), among others, were the theoretical basis for analysis on virtual space and the discourses produced there. As for methodology, the study is part of the qualitative research paradigm because it analyses social phenomena (Telles, 2002) from language, considering the subjectivity of the researched agents in their virtual interactions through verbal texts from *Twitter*. The results show that the scenes of enunciation, at the intersection of different enunciative scenes, even in a virtual environment, in this *Twitter* study, allow the interaction between different individuals who become subjects by the discourse, at the same time as they interfere in the social space through language.

Keywords: Discourse. Genres of discourse. *Twitter*.

Sumário

SEÇÃO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS 17

1.1. Gêneros do discurso 17

1.2. Análise do Discurso 21

1.3. A Cenografia 25

SEÇÃO 2 – A LÍNGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM NAS REDES SOCIAIS ... 30

2.1. Linguística Aplicada 30

2.2. Comunicação Mediada por Computador 33

2.3. Hipermídias e Redes Sociais 38

2.4. Twitter 40

SEÇÃO 3 – COLETA E ANÁLISE DOS DADOS 47

3.1. Coleta de dados e perfil de seus geradores 47

3.2. Análise dos dados 48

3.2.1. Guga Chacra 48

3.2.2. Padre Fábio de Melo 77

Considerações Finais 86

Referências 90

Introdução

A internet trouxe acentuadas mudanças para a sociedade, interferindo no modo de vida do indivíduo e na maneira como ele realiza suas tarefas cotidianas. Como consequência, a interação social também passou por mudanças significativas no momento em que se tornou possível compartilhar elementos da vida privada e social para mais de uma pessoa simultaneamente, por meio das redes sociais (CASTELLS, 2003). Com isso, a internet tornou-se também um espaço propício para que novos discursos emergissem e fossem facilmente difundidos para um número substancial de pessoas. Nesse sentido, as redes sociais contribuem sobremaneira para a difusão de enunciados, podendo gerar interação entre os usuários de uma mesma rede, cuja definição trataremos mais adiante.

Assim, como docente de Língua Portuguesa e Literatura do Ensino Médio, observando as falas de alguns alunos em sala de aula[1] e os escritos de alguns deles no *Twitter*, a presente pesquisa surge de uma inquietação: como a língua se molda nesse espaço virtual e de que maneira essas mudanças interferem nas relações sociais entre os membros que interagem nas postagens uns dos outros nessa rede social?

Pelo dinamismo da língua e por sua capacidade de adaptação a situações diversas de comunicação, a linguagem encontra no ambiente virtual um vasto campo de uso e de transformações. Assumindo a premissa de Bakhtin (2011, p. 261) de que "todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem", é possível falar em enunciados que vão se construindo e se moldando às necessidades de uso da linguagem, no tempo, no espaço e em mídiuns[2], como é o caso do ambiente virtual, pois estes também permeiam as relações discursivas dos produtores desses enunciados.

Acerca de pesquisas realizadas no Brasil sobre o *Twitter*, encontramos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES[3], especificamente na Grande Área de Linguística, Letras e Artes, e tendo Letras/Linguística como Área de Avaliação, 35

[1] O autor é professor de Língua Portuguesa em cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal de Rondônia (IFRO), *Campus* Ji-Paraná/RO.
[2] O conceito e as discussões sobre *mídium* serão tratados na Seção 2.
[3] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agência governamental vinculada ao MEC, responsável pelos programas de pós-graduação no Brasil.

trabalhos que tratam da relação entre *Twitter* e gênero discursivo. Desse total, temos 25 dissertações e 10 teses versando sobre o assunto. Dentre esses trabalhos, o que julgamos mais próximo de nossa pesquisa é uma dissertação da Universidade de Taubaté (UNITAU), de autoria de Glayse Ferreira Perroni da Silva (2013), que considera o *Twitter* como gênero digital.

A autora discorre sobre a origem do *Twitter* como um *microblogging,* uma espécie de diário virtual, mas com limitações de caracteres e que ali se trata de assuntos diversos. Contudo, verificamos que autora se atém a esta característica da plataforma, analisando o funcionamento do *Twitter* e seus recursos para sala de aula, mas não percebemos reflexões sobre o tuíte como gênero discursivo, que é nossa proposta de discussão.

A dissertação aludida acima converge com este estudo, essencialmente, nos temas que se propõe a discutir, utilizando a mesma abordagem teórica sobre os gêneros, ou seja, o discurso produzido no *Twitter* à luz das considerações bakhtinianas sobre o gênero discursivo. Aos poucos, contudo, ambos os trabalhos vão se distanciando à medida que se iniciam as considerações acerca das especificidades do gênero verbal produzido no *Twitter,* uma vez que a autora considera essa rede social um "gênero digital" (SILVA, 2013, p. 72), ao passo que o nosso estudo discute as postagens como gênero, não a plataforma.

O objetivo da dissertação de Silva (2013, p. 17) foi o de "investigar se o *Twitter* é um novo gênero digital e apontar a aplicação que os professores de língua materna podem fazer do mesmo, em sala de aula, a partir do trabalho com microcontos". Esse trabalho difere do nosso por três razões: a) discutimos em nossa pesquisa o *Twitter* na perspectiva da comunicação mediada por computadores e não como auxílio para a prática pedagógica; b) o objetivo e objeto de investigação também são distintos, pois aquele trabalho não trata das transformações que a língua passa para se adequar ao ambiente virtual, mas dos diversos gêneros que podem ser encontrados no *Twitter* como rede social; e c) o trabalho defendido por Silva (2013) não atende ao nosso propósito de verificar as implicações do uso da língua em suas novas configurações nas relações sociais entre os usuários do *Twitter.*

Por tudo isso, nossa pesquisa preenche uma lacuna no campo de estudos linguísticos ao analisarmos os reflexos do *Twitter* na vida em sociedade, que tem nas

redes sociais um contexto próprio de prática social da língua, encontrando na Linguística Aplicada um balizador que nos auxiliou nestas discussões.

A título de exemplo, é perceptível, na prática de sala de aula com adolescentes de Ensino Médio, como as redes sociais têm modificado a relação interpessoal entre os alunos, em que a interação informal entre eles tem ocorrido cada vez mais pelas redes sociais, ainda que estejam no mesmo espaço físico. Talvez estejamos diante de mudança de mídium nessas relações, uma vez que as trocas de mensagens que outrora eram feitas por bilhetes de papel, atualmente ocorrem por meio de aplicativos como *WhatsApp*, ou outra rede social, que permite troca instantânea de mensagens. Ainda assim, confirme nos apresenta Maingueneau (2011, p. 72): "uma mudança importante de mídium modifica o *conjunto de um gênero de discurso"*, e estes merecem uma atenção especial.

Por isso, essa dissertação é reflexo de como as redes sociais têm permeado as relações humanas e o modo como as pessoas têm interagido a partir desse ambiente onde a linguagem é mediada necessariamente por mecanismos tecnológicos, que não obedecem a leis geográficas e nem são utilizados apenas para conversações de longas distâncias, mas por pessoas que estão fisicamente próximas, às vezes uma ao lado da outra.

A partir dessa constatação, é possível pensar em textos multimodais, nos quais som, imagem, escrita e fala se fundem numa mesma mensagem (CRYSTAL, 2001), ainda que em diferentes suportes (BONINI, 2011). E nessa profusão de linguagens a internet tem um papel fundamental, pois é por meio dela que os discursos produzidos chegam a um grande número de pessoas simultaneamente, no chamado ciberespaço, definido por Lèvy (1999, p. 17) como "novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores (...), mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como seres humanos que navegam e alimentam esse universo".

Nesse cenário, esta pesquisa torna-se oportuna para compreender os fenômenos sociais que ocorrem por meio da linguagem, além de permitir que o indivíduo se encontre nesse espaço de formação discursiva. Nesse sentido, a presente dissertação se insere na linha de pesquisa "Estudos descritivos e aplicados de Línguas e Linguagens", do Mestrado Acadêmico em Letras – UNIR, por tratar do

uso da língua verbal como um ato social que interfere nas relações do indivíduo com os outros e consigo mesmo, na relação dialógica da linguagem (Bakhtin, 2011), ainda que em ambiente virtual.

O objetivo deste trabalho, portanto, é investigar de que maneira a linguagem verbal se molda às redes sociais, mais especificamente ao *Twitter,* para atender às especificidades dos enunciados produzidos neste ambiente discursivo e como estas adaptações interferem nas relações sociais por meio da interação entre os interlocutores nesse espaço virtual.

Para discussão do espaço virtual e da relação entre linguagem e cibercultura, fundamentamo-nos em Crystal (2001), Lèvy (1999), Recuero (2009, 2016), entre outros. Trazer tais estudiosos pressupõe que há uma necessidade de se estudar a linguagem *online* pela dimensão das mudanças que a internet trouxe na forma de comunicação social e que ajudam na compreensão da linguagem (BARTON e LEE, 2015). Nesse sentido, pode-se afirmar que o campo virtual é um espaço imprescindível para a compreensão da sociedade contemporânea, sobretudo se considerarmos que “nos *sites* de rede social, as práticas conversacionais também delineiam discursos”, como afirma Recuero (2016, p. 19).

Contudo, as mudanças na linguagem somente são possíveis pela interação social, e é nessa perspectiva que os discursos se materializam nas redes sociais, pois aí também ocorrem as interações humanas num ambiente relativamente novo em termos históricos. Essa nova forma de comunicação tem provocado alterações nas relações interpessoais, uma vez que o contato com diversas pessoas, de diferentes lugares e de forma instantânea, permite verificar a maneira como esse comportamento social revela, produz ou modifica a identidade do indivíduo.

Por essa razão, analisar de que maneira a linguagem verbal é estruturada no *Twitter*, atendendo às exigências de circulação discursiva nesse ambiente e como essa organização tem interferido nas relações sociais, contribui significativamente para compreensão do funcionamento da sociedade em nosso tempo. Ou seja, o uso da linguagem, em suas formas diversas, é inerente à vida em sociedade, que se constitui a partir da reciprocidade comunicativa, ou dialógica, como postula Bakhtin (2011). Portanto, a linguagem é uma prática social, cujos atores interagem por meio de recursos linguísticos que lhes constituem como seres sociais.

Com o fito de realizar essa pesquisa, foram utilizados os pressupostos teóricos sobre gêneros do discurso e enunciação de Bakhtin (2010, 2011), pois a relação entre discurso e sociedade por meios dos textos formam os enunciados, definidos pelo autor como “unidade real da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011 p. 269). Aliada à essa discussão, a Análise do Discurso permitiu que ampliássemos nossa pesquisa e paulatinamente fôssemos caminhando para as discussões sobre cenografia apresentados por Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2011). O escopo teórico acerca desse assunto possibilitou observar as modificações que a linguagem verbal apresentava na dinâmica comunicativa entre os interlocutores, viabilizando nossa compreensão dos gêneros que estavam sendo produzidos no *Twitter*.

Um estudo dessa envergadura traz consigo uma relevância social e acadêmica por discutir de que maneira as relações sociais, hoje mais efêmeras, ou líquidas, conforme Bauman (2001), têm se estabelecido por meio de uma linguagem heterogênea e pelas rápidas transformações em sua estrutura por conta do aparato tecnológico utilizado na comunicação. Além disso, a nova configuração social surgida a partir da “comunicação mediada por computadores” (RECUERO, 2016) ressignifica a interação social, que não ocorre mais apenas fisicamente presente, mas à distância, em tempo real e de forma individual. A esse respeito, Recuero (2016, p. 20) lembra que

> No âmbito da mediação por computador, muitas das materialidades das falas dos atores podem desvelar ideologias[4] presentes e legitimadas pelas interações na sociedade. As trocas linguísticas nos espaços mediados também são reflexos das relações de poder simbólico.

Ainda nas discussões teóricas, apresentamos uma breve reflexão sobre como *Twitter,* uma rede social *a priori* verbal, mas hoje com a possibilidade de múltiplas linguagens, torna-se um espaço propício para observar a relação direta entre a linguagem as mudanças sociais. As postagens realizadas, com assuntos altamente diversos, permitem que se possa ter uma visão ampla de acontecimentos locais ou outros espaços infindos, bem como dialogar com reflexões de ordem pessoal ou assuntos triviais ali expostos.

[4] Embora a expressão “desvelar ideologias” não seja própria da Análise do Discurso, corrente teórica em que nos inserimos, a citação tem por objetivo maior tratar das relações sociais por meio da linguagem em ambiente virtual.

Esses discursos revelam não apenas fatos, mas também a percepção e sentimento do indivíduo frente a eles, numa convergência entre estranhamento sobre o mundo (e sobre sua própria realidade) e os acontecimentos históricos e sociais. Por isso, dialogando com a Análise do Discurso, a Linguística Aplicada, que pretende "criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central", como define Moita Lopes (2006, p. 14), permitiu que observássemos a linguagem como um agente de transformação social.

O *corpus* de análise dessa dissertação são postagens realizadas no *Twitter* e que serviram para orientar nossas reflexões. Os critérios de escolha foram: a diversidade de assuntos, a expressividade dos agentes escolhidos dado o número de seguidores no *Twitter* e o número de interações observadas nestas postagens, que só foram possíveis por ser o autor também usuário desta rede social. Para tanto, foram coletados num período de três dias dados gerados por um jornalista brasileiro, que reside nos Estados Unidos, mas que compunha o quadro de funcionários do Grupo Globo na da data da coleta, e um religioso católico.

A importância da escolha destes dois perfis é o fato de que a representação social de cada um deles, jornalista e padre, respectivamente, não são condições para definir a esfera discursiva de ambos. É possível verificar nos enunciados produzidos pelo jornalista que há os de ordem pessoal, com temas da vida privada, mas há também os de cunho noticioso, que é seu ofício. O mesmo ocorre com o padre, que ora tece discursos esperados de um líder religioso e ora enunciados de temas triviais, independente do efeito que é produzido.

Essa alternância de temas e de papéis sociais no *Twitter* só é possível porque esta rede social permite construções discursivas abertas publicamente, sem que se tenha um sigilo de postagens ou restrição de acesso a elas, salvo se o dono do perfil assim o quiser e, nesse caso, todos os tuítes ficam restritos.

A análise dos dados observou os princípios de cenografia, assim definida por Maingueneau (2011, p. 51):

> A situação de enunciação não é, com efeito, um simples quadro empírico, ela se constrói como *cenografia,* por meio da enunciação. [...] o discurso implica um enunciador e um co-enunciador, um lugar e um momento da enunciação que valida a própria instância e permite sua existência. Por esse ponto de vista, a cenografia está ao mesmo tempo na nascente e no desaguadouro da obra.

Tendo, portanto, como aporte teórico as reflexões sobre gêneros do discurso de Bakhtin e sobre cenografia de Maingueneau, foi possível atingir com maior clareza os objetivos propostos nesse estudo, encerrando com o auxílio da Linguística Aplicada para tratar das questões sociais que a linguagem suscita.

Por essa razão, esta dissertação está dividida em três seções, a saber:

Na primeira seção discutimos o conceito de Gênero do Discurso proposto por Mikhail Bakhtin (2010, 2011), além de trazer considerações sobre a Análise do Discurso (doravante AD), enfatizando a pensada por Michel Foucault (1999, 2010, 2017), linha que adotamos para esta pesquisa. Ampliando estas discussões, trazemos as considerações sobre cenografia apresentadas por Dominique Maingueneau (1997, 2008, 2010, 2011, 2015), a qual utilizamos como categoria de análise do *corpus*.

Na segunda seção tratamos de conceitos e estudos da Linguística Aplicada, que subsidiaram as reflexões sobre as relações interpessoais nas redes sociais, mais especificamente no *Twitter*. Em seguida, discutimos a cibercultura e como ela tem modificado a sociedade no mundo na pós-modernidade, especialmente com o surgimento das redes sociais e, por consequência, o modo como as relações humanas ocorrem neste espaço, cujas adaptações da linguagem verbal são o objeto de análise do presente trabalho.

A terceira seção apresenta os dados coletados e as análises realizadas. Espera-se ao final que se possa observar de que maneira a linguagem verbal se molda no ambiente virtual e como os discursos materializados no *Twitter* têm determinado as relações sociais.

Finalizamos este trabalho com nossas considerações acerca das análises efetuadas, bem como as referências utilizadas para fundamentar esta dissertação. Destacamos que este trabalho não encerra a pesquisa, mas pretende contribuir para muitas outras vindouras e que trarão novos aportes para pesquisa nesse campo.

SEÇÃO 1 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1. Gêneros do discurso

Ao tratarmos de gêneros discursivos, é imprescindível uma breve introdução ao pensamento de Mikhail Bakhtin, cujas discussões sobre o tema estão ligadas aos conceitos de enunciação e enunciado apresentado pelo autor. Bakhtin (2010, p. 59) afirma que

> o indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico.

Essa concepção de ser social leva a reflexões sobre enunciado, sobretudo quando o autor trata da relação dialógica dos enunciados. Vale salientar que o termo diálogo vai além da interação entre dois interlocutores, senão que em toda e qualquer comunicação verbal. Como afirma Bakhtin (2010, p. 127),

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Bakhtin (2011, p. 261) lembra que “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Assim, os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p. 262), elaborados por cada campo da comunicação que se materializa pelo discurso. Portanto, a língua está diretamente ligada às interações sociais entre os indivíduos, cuja competência linguística, a qualquer tempo e situação, constitui o sujeito no e pelo enunciado produzido.

Contudo, o limite de cada enunciado é estabelecido pela “alternância dos sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 275), cujo artefato linguístico é também realizado em razão de um outro falante. Daí o conceito de dialogismo, caro ao pensamento bakhtiniano: sendo uma unidade real, o enunciado se faz em razão de

outro sujeito do discurso, de modo que possam realizar o que o autor chama de atitude responsiva:

> (...) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; (...) Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

A partir dessas considerações, pode-se tratar do que o autor denomina dialogismo, ou seja, "o enunciado é pleno de tonalidade dialógica" (BAKHTIN, 2011, p. 298). Isto nos permite afirmar que os enunciados não existem com um fim em si mesmos, mas estão ligados aos interlocutores. Logo, sem o outro, não há dialogismo, não há enunciado. Bakhtin (2011, p. 300) reitera que "o enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas".

Por isso, nenhum discurso tem plenitude em si mesmo, mas existe em razão do outro, embora, ainda em Bakhtin (2011), o outro possa ser o próprio enunciador. Segundo a concepção bakhtiniana, não há enunciado concreto sem interlocutor, ou seja, a comunicação se faz por meio de enunciados e o conjunto destes formam os gêneros do discurso, a partir de certas regularidades.

É válido dizer ainda que a noção de enunciado é manifestada a partir da necessidade dentro de uma esfera de atividade. Assim, os gêneros surgem para atender a essa especificidade a partir das interações verbais entre os indivíduos. Sendo a diversidade de gêneros discursivos inesgotável, dadas as necessidades do homem a cada tempo, os instrumentos[5] pelos quais esses discursos são construídos não interferem no caráter dialógico do enunciado.

Bakhtin (2011, p. 262) esclarece que

> a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso,

[5] Por ora, utilizaremos o termo "instrumentos" para tratar desse assunto, todavia mais adiante discutiremos o conceito de mídium apresentado por Maingueneau e que melhor abarca as postulações aqui apresentadas.

> que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e complexifica em determinado campo.

À medida que as necessidades comunicativas vão exigindo, novos gêneros surgem, outros desaparecem e outros mais se modificam, de modo que eles não são limitados à sua definição, tampouco imutáveis. Bakhtin (2011, p. 282) sustenta que os gêneros são “relativamente estáveis”, o que permite essa dinâmica da língua.

Esta reflexão nos mostra que a noção de gênero subjaz à relação entre a linguagem e a atividade humana. É por meio da e na interação que os gêneros se formam, estando presentes em toda ação discursiva humana. Por essa razão, ainda segundo Bakhtin (2011), os gêneros existem apenas na confluência de três elementos constitutivos do enunciado: conteúdo temático (aquilo que diz, o assunto), composição (estruturação textual do gênero) e estilo (escolha de elementos gramaticais e fonéticos).

Porquanto, “onde há estilo, há gênero” (BAKHTIN 2011, p. 268) e as mudanças de gênero são percebidas a partir da mudança de estilo, a escolha dos elementos que constituirão o estilo determina o gênero a que cada discurso pertence.

Sobre isso, Bakhtin (2011, p. 269), afirma:

> Pode-se dizer que a gramática e a estilística convergem e divergem em qualquer fenômeno concreto de linguagem: se o examinamos apenas no sistema da língua estamos diante de um fenômeno gramatical, mas se o examinamos no conjunto de um enunciado individual ou do gênero discursivo já se trata de um fenômeno estilístico. Porque a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico.

Por esta razão, Bakhtin (2011) classifica os gêneros em primários – em sua maioria ligados à oralidade e cuja complexidade é pequena, ligada ao cotidiano – e em secundários, mais complexos na relação enunciativa, aprendidos de maneira mais institucionalizada, ligados a textos literários, filosóficos e assim por diante. Embora os gêneros possam transitar entre essas duas classificações, Bakhtin (2011, p. 282-283) afirma que

> Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos). (...) Nós aprendemos a moldar nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras.

E ainda:

> Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos que criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente e pela primeira vez cada enunciado, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2003, p. 283).

No excerto acima, o autor reafirma a importância e a necessidade dos estudos dos gêneros discursivos, os quais nos apresentam um sujeito produtor de discursos que permeiam sua relação com a sociedade e consigo mesmo, levando-nos a uma melhor compreensão do homem como ser social.

À vista disso, a presente pesquisa é permeada pelos estudos bakhtinianos sobre os gêneros do discurso, sobretudo nas reflexões sobre enunciado, pois as discussões sobre gêneros nos levam necessariamente às postagens do *Twitter,* de modo a perceber o funcionamento do gênero ali presente, adaptando-se às especificidades do espaço onde ele está sendo produzido.

Considerando, portanto, os gêneros do discurso inerentes à atividade humana e à vida social, faz-se necessária uma reflexão sobre os discursos produzidos e os espaços onde essa produção se materializa, o que é possível por meio da Análise do Discurso.

1.2. Análise do Discurso

Uma das características da Análise do Discurso é que, segundo Orlandi (2009, p. 57), ela “não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica”. Por isso, torna-se pertinente discutirmos sobre os pressupostos teóricos deste campo do saber.

Para tanto, utilizaremos dois importantes autores sobre Análise do Discurso (AD): Michel Pêcheux, fundador da AD, e Michel Foucault. Embora contemporâneos, Pêcheux concebe o discurso como processo de produção ideológica, que se materializa na produção discursiva, mas que traz consigo o atravessamento ideológico do indivíduo, ainda que de forma inconsciente por este.

Foucault, por sua vez, sustenta que o discurso faz parte de uma Arqueologia, na qual o saber vai sendo construído a partir da relação do homem com o real, verificando e interpretando a história por meio de arquivos deixados por pensadores e historiadores. Essa interpretação é fundamental para entender o pensamento no tempo e no espaço, ao mesmo tempo em que o próprio discurso vai se tornando um conceito filosófico.

Ainda que nos filiemos à linha foucaultiana do discurso, ambos os autores não concorrem epistemologicamente entre si, mas convergem em alguns pontos caros à AD e se diferenciam em outros acerca dessa ciência. A esse respeito, Narzetti (2010, p. 52) destaca que

> As linhas de Pêcheux e de Foucault se aproximam quanto a outros pontos: 1) na posição de que para dar conta da especificidade dos discursos era necessário efetuar uma “mudança de terreno” em relação à Linguística; 2) na negação da concepção hermenêutica do sentido; 3) na aversão comum ao humanismo teórico vigente nas ciências humanas (o psicologismo, o sociologismo e o antropologismo); 4) na ruptura com as filosofias que tomam o sujeito como ponto de partida e na opção por uma abordagem em que o sujeito aparece como resultado de diferentes processos históricos de subjetivação; 5) na aposta de que a análise do discurso poderia servir como um instrumento de história das ciências e/ou dos saberes em geral. A aliança nesses pontos situava os projetos de Pêcheux e Foucault à enorme distância do projeto da sociolinguística.

Contudo, apesar dessas aproximações entre os autores, há outros elementos que os afastam, sendo a concepção de discurso a mais importante dentre eles. Segundo Narzetti (2010), Pêcheux considera que o discurso está atrelado aos

interesses das classes sociais e que, portanto, se materializa pela ideologia que interpela o indivíduo em sujeito.

Em contrapartida, Foucault situa o discurso não no campo da ideologia, mas na Arqueologia do saber. Para ele, deve-se verificar em que condições se dão as formações discursivas (expressão também adotada por Pêcheux), uma vez que o espaço em que o sujeito pode tomar posição interfere em seu discurso.

Para melhor compreender essas duas vertentes, é preciso considerar que a Análise do Discurso desenvolve a ideia de que o discurso é sempre uma representação ideológica, numa reciprocidade de articulação entre linguagem e ideologia, que leva à constituição do sujeito. Ou, nas palavras de Orlandi (2009, p. 44), “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer”. Ou, ainda nos dizeres de Orlandi (2015, p. 45), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia”.

Tendo como balizador os estudos realizados por Althusser acerca de Marx, bem como os estudos de Lacan sobre o pensamento freudiano, principalmente no que se refere ao inconsciente, Pêcheux desenvolve a Análise do Discurso, de modo que o discurso, e não mais a frase, passa a ser o objeto de análise. Esta nova dimensão de análise rompe com a tradição de estudos linguísticos iniciada por Saussure, pois, a partir de Pêcheux, os efeitos de sentido são mais valiosos para os estudos do que a oposição língua/fala postulada por Saussure. Nesse sentido, a concepção de linguagem apenas como meio de comunicação não se sustenta, pois agora ela é pensada em sua prática discursiva e não frases soltas ou fechadas em si mesmas:

> as palavras, expressões, proposições etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Ao falar sobre o campo de pesquisa da AD, Orlandi (2015, p. 13) esclarece que

> A Análise do Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra

> em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Pela Análise do Discurso proposta por Pêcheux, todo discurso produzido traz em si uma ideologia presente, uma vez que esta é inerente ao homem, que se constitui sujeito pela língua, pela história e pelo inconsciente. Ou seja, todo discurso é ideológico e se justifica na relação entre sociedade e história na formação do indivíduo. Pêcheux (1995, p. 161) postula que “os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes”.

Por esta razão, nenhuma palavra tem sentido em si mesma, mas está ligada às condições de produção, uma vez que formação discursiva se dá em distintos lugares. Para Pêcheux (1995), toda palavra toma um novo sentido a cada discurso construído, de forma inconsciente e num determinando momento. Daí a relação entre sujeito, língua e história, na qual o já-dito permite o sujeito formar novo discurso e o sujeito se constitui ideologicamente e historicamente determinado.

Orlandi (1988, p. 18), valida essa afirmação ao defender que

> todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Por isso, na realidade, não se trata nunca de um discurso, mas de um *continuum*. Fala-se de um estado de processos discursivos sedimentados.

Por esta razão é que as palavras constituem um sentido a partir da formação discursiva em que ocorre. Para Pêcheux, a linguagem se materializa no discurso produzido pelo indivíduo, que é perpassado pela ideologia que ele traz consigo de forma inconsciente e produzindo um efeito de sentido na relação entre linguagem e ideologia. O sujeito produtor deste discurso busca os termos que lhe são necessários em sua memória discursiva, mas o sentido nunca é o mesmo, pois a linguagem é opaca, tendo um significado próprio e novo a cada uso, mesmo sendo os mesmos enunciados e mesmo enunciador.

Contemporâneo a Pêcheux, Michel Foucault localiza o sujeito no contexto de fala. Os efeitos de sentido são dados pela condição de produção do discurso e não pela memória discursiva ou ideológica, como defende Pêcheux. Foucault concebe o

discurso como uma gama de saberes articulados entre si que foram tecidos ao longo da história e em meio às disputas de poder.

Por esta razão, as condições de produção serão determinantes nos efeitos de sentido produzidos nas formações discursivas. Como o próprio autor afirma, “o novo não está no que é dito, mas no que está à sua volta” (FOUCAULT, 2009, p. 26).

Essa concepção de discurso, porém, é composta por diversas construções que vão se associando para buscar uma definição. Em sua Arqueologia, Foucault (2019, p. 59-60) destaca que

> gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. (...) uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

Essa característica do enunciado de nunca aparecer isolado permite que o analista do discurso, na perspectiva foucaultiana, possa perceber o contexto de produção do discurso, a posição do sujeito do discurso na prática enunciativa, uma vez que, como nos aponta Foucault (2019, p. 105),

> o enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço.

Esta afirmação dialoga com o postulado de Bakhtin (2011, p. 265) quando este afirma que como “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam), é igualmente através de enunciados concretos que vida entra na língua”. Assim, a discussão de enunciado desenvolvida acima respalda a

necessidade comunicativa da sociedade, que produz novos gêneros ou modifica outros tantos, justificando a importância da AD para compreender a importância do discurso na engrenagem social.

Ampliando essa discussão, Mainguenau (2011, p. 85) expressa que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. Portanto, torna-se necessário discutir o conceito de cenografia postulado por Maingueneau (2011, 2015), que amplia as discussões foucaultianas sobre o discurso e fornece elementos para nossas análises.

1.3. A Cenografia

Para Bakhtin (2011), os gêneros discursivos surgem ou se transformam a partir das necessidades comunicativas de uma sociedade. Logo, essa reflexão se faz válida também para os discursos produzidos no ambiente virtual.

Maingueneau (2010) discute o conceito de hipergênero, que pode ser concebido como dispositivos de comunicação que não se restringem à especificidade de um gênero, pois os discursos aí produzidos podem circular em mais de um gênero. Valendo-se dos gêneros carta e debate público, Maingueneau (2008, p. 122) define hipergênero como “situações de comunicação variadas, explorando de maneiras diferentes esta forma básica da comunicação verbal que é a troca de indivíduo a indivíduo”.

O conceito de hipergênero apresentado pelo autor se estende para os discursos materializados no espaço virtual, pois o enunciado ali produzido dificilmente se restringe a um indivíduo ou a um tempo específico, como um discurso oral, por exemplo, de uma conversa informal e que não fica gravado em nenhum dispositivo. O autor sistematiza esse conceito pontuando que a textualidade se manifesta de diferentes maneiras e que a dada pela internet não pode ser controlada.

Para tanto, ele discorre sobre o mídium, que vai além de um suporte ou meio de transmissão de discurso, mas é o conjunto de elementos que participam da dinâmica discursiva e auxiliam a determinar um gênero como tal. Maingueneau (2011, p. 72), sustenta que

> Quando tratamos de mídium, de um gênero do discurso, não basta levar em conta seu suporte material no sentido estrito (oral, escrito, manuscrito,

> televisivo etc.). É necessário também considerar o conjunto de circuito que organiza a fala. (...) Na realidade, é necessário partir de um *dispositivo comunicacional* que integre logo de saída o mídium. O modo de transporte e recepção do enunciado, condiciona a própria constituição do texto, modela o gênero do discurso.

Esta conceituação aponta na direção de que vários elementos estão relacionados à transmissão de um discurso, que vai muito além de um recurso físico, como uma folha impressa ou uma tela de computador. Dessa forma, o mídium traz em seu bojo todos os elementos que fazem com que o discurso seja de determinada maneira e se insira num ou noutro gênero.

Estendendo, portanto, esta discussão para o ciberespaço, o mídium é o responsável pela "*manifestação material"* do discurso. Segundo o autor,

> foi sobretudo com a chegada dos mídiuns audiovisuais e desenvolvimento da informática que tomamos consciência desse papel crucial do mídium. Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos tetos e seu modo de consumo. Seu surgimento provocou ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda a concepção do sentido. Revolução que teve também efeito uma melhor conscientização da especificidade do oral e das modificações anteriormente introduzidas pela escrita e pela imprensa (MAINGUENEAU, 2011, p. 72).

Nessa mesma seara, diferentemente de Mainguenau (2010) no que se refere ao conceito de hipergênero, Bonini (2011, p. 691) assim discorre acerca do termo:

> os gêneros, por vezes, são produzidos em agrupamento, compondo uma unidade de interação maior (um grande enunciado) que estou chamando de hipergênero. O jornal, nesse sentido, é um hipergênero, uma vez que ele responde às características propostas por Bakhtin (1953)[6] para caracterizar o enunciado (...). Uma notícia é produzida em um jornal como parte de um grande enunciado, de modo que ela se relaciona necessariamente com os demais gêneros produzidos (com a chamada, com o editorial, com os artigos, etc.). Todo hipergênero, como o jornal, a revista, o *site*, apresenta um sistema de disposição dos enunciados que envolve gêneros organizadores (sumário, introdução, editorial, chamada, etc.) e gêneros de funcionamento (notícia, romance, tratado, entrevista, etc.).[7]

Partindo dessas considerações, é-nos permitido afirmar que a intersecção de gêneros, também em ambiente virtual, produz o hipergênero, dadas as suas características. Como pudemos ver, Maingueneau (2010) e Bonini (2011) dialogam entre si ao considerarem o hipergênero como apropriado para reflexões acerca dos

---

[6] Referência ao capítulo intitulado Os gêneros do discurso, na obra Estética da Criação Verbal de Mikhail Bakhtin, também utilizado nesta dissertação, porém com outra edição.

[7] Acerca dos conceitos de gêneros organizadores e gêneros de funcionamento, *cf.* Bonini (2001). Tal discussão não é objeto do presente estudo.

discursos produzidos na internet. Além disso, ambos os autores afirmam que um *blog,* por exemplo, não é um gênero, uma vez que ele não possui um tema único, mas constituído de características que podem absorver diversos gêneros.

Entretanto, Bonini (2011) postula a ideia de mídia como espaço para construção do discurso, que pode ser físico (jornal ou livro, por exemplo), mas também virtual. No caso da internet, esta pode ser também uma mídia, pois permite que o discurso seja produzido, porém também será considerada espaço de geração ou uso de um gênero os *sites*, *blogs*, entre outros.

Para tratarmos destes elementos discursivos, recorremos ao conceito de cenografia, assim definido por Maingueneau (2011, p. 87):

> a cenografia é *ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra;* ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, estabelecendo que essa cenografia onde nasce a fala é precisamente *a* cenografia exigida para enunciar como convém, segundo o caso, a política, a filosofia, a ciência ou para promover certa mercadoria...

A respeito das cenas de enunciação, o autor salienta que elas não são isoladas ou “bloco compacto” (MAINGUENEAU, 2015, p. 120), mas que interagem simultaneamente em três cenas distintas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. Uma breve explanação conceitual destas cenas é importante porque são os critérios de análise dos dados coletados para este trabalho.

A cena englobante corresponde ao tipo de discurso, que é determinado por sua função social, seja político, religioso, publicitário e assim por diante. Ao ler uma notícia sobre economia, por exemplo, um investidor pode se inserir na condição de observador do mercado financeiro ou de alguém que terá um papel ativo neste cenário a partir do que está sendo lido. Ou seja, o interlocutor também se coloca na posição de leitor da notícia, a ela interpreta e assume seu papel. Essa correspondência não ocorre, por exemplo, quando uma pessoa comum, que não é da área da saúde, lê uma revista especializada em medicina enquanto aguarda uma consulta médica, pois não é o destinatário daquele discurso.

Contudo, um mesmo texto pode participar de mais de uma cena englobante simultaneamente se ele servir para diferentes contextos, como é o caso de um discurso produzido num determinado contexto, mas que depois é inserido noutro, também ali fazendo sentido. Para ilustrar, a propaganda de um produto pode significar

o incentivo para a aquisição por parte de um consumidor, mas para o concorrente pode ser a maneira de pensar em estratégias de enfrentamento comercial. Os indivíduos é que vão se situar dentro desse discurso.

A cena genérica, por sua vez, “funciona como normas que suscitam expectativas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 120). Ela é importante porque a cena englobante não dá conta sozinha para especificar o gênero, pois os papéis discursivos diversos exigem, por vezes, uma especificidade do texto, que pode ser a sua finalidade, suporte, enfim, elementos que estão ligados no contexto de produção dos interlocutores. Nesse caso, são os gêneros que determinarão o papel de cada um dos atores envolvidos nessa cena comunicativa.

Maingueneau (2008, p. 116) afirma que “estas duas ‘cenas’, englobante e genérica, definem em conjunto o espaço estável no interior do qual o enunciado ganha sentido, isto é, o espaço do tipo e do gênero do discurso”. Entretanto, o texto possui singularidades em que é necessário recorrer à cenografia, na qual é atendida essa exigência discursiva. Ao definir cenografia, Maingueneau (2015, p. 123) esclarece que

> a noção de cenografia se apoia na ideia de que o enunciador, por meio da enunciação, organiza a situação a partir da qual pretende enunciar. Todo discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende, de fato, suscitar a adesão dos destinatários instaurando a cenografia que o legitima.

É necessário, portanto, que o locutor tenha relativo controle sobre o seu desenvolvimento discursivo, para que a legitimação ocorra. Isso quer dizer que a escolha da cenografia não é aleatória, pois o discurso se produz a partir de uma cenografia específica e que vai levando os interlocutores a se colocarem em lugares específicos.

Maingueneau (2008, p. 117), afirma que

> o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena da enunciação que o legitima. O discurso impõe sua cenografia de algum modo desde o início; mas, de outro lado, é por intermédio de sua própria enunciação que ele poderá legitimar a cenografia que ele impõe.

Nesse sentido é que “a cenografia é, ao mesmo tempo, *origem* e *produto do discurso*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 118), pois ela determina o enunciado dentro de um gênero do discurso. Uma mudança de cenografia não implica necessariamente numa mudança de gênero, todavia ele precisa atender às exigências da cenografia para ser legitimado. E como o enunciador precisa ter um domínio relativo sobre essa

cenografia, nos textos monologais ela pode ocorrer plenamente, o que se torna mais difícil num gênero genuinamente dialogal, como debate, entrevista, em que o interlocutor pode também mudar as singularidades do discurso.

A esse respeito, Mainguenau (2015, p. 126) diz que a

> cenografia não tem sentido em si mesma, mas apenas se relacionada ao(s) *cenário(s)* característicos do posicionamento político que o interlocutor reivindica (...) A dificuldade consiste em associar esses diversos cenários na unidade de uma posição de enunciação.

Para auxiliar nessa questão, o autor apresenta duas classificações para cenografia: a exógena, em que se recorre a outra cena genérica para que ocorra a cena de fala; e endógena, que atribui um valor particular de enunciado, sem necessidade de uma outra cena genérica. Apenas para ilustrar, o discurso produzido numa carta pessoal de um filho à mãe é endógena, pois aí temos definidos enunciador e coenunciador e o gênero discursivo. Por outro lado, se for um poema de um filho à mãe, não há garantia de uma cenografia endógena, porque não se pode encerrar o discurso numa única cena, isto é, pode ser lançado mão de outra cena de fala para que o discurso chegue ao interlocutor.

Diante dessas reflexões, a formulação de cenografia aqui discutida é a mais adequada para nossos estudos, pois os discursos produzidos nas redes sociais estão atrelados ao Outro do discurso (Bakhtin, 2011), de modo que as redes sociais, mais especificamente o *Twitter*, abarcam as considerações apontadas acima.

SEÇÃO 2 – A LÍNGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS SOBRE LINGUAGEM NAS REDES SOCIAIS

2.1. Linguística Aplicada

As cenas de enunciação tornam-se referência para buscar compreender os discursos produzidos, abarcando diferentes saberes e ideologias que constituem o indivíduo em ser social. Em razão dessa característica, a Linguística Aplicada (LA) nos auxilia no entendimento das relações sociais, seus conflitos, tensões e ajustes em que a linguagem tem um papel essencial, pois, conforme aponta Moita Lopes (1998, p. 102),

> O linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la.

Em seu artigo "Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar", Moita Lopes (2010) contextualiza o surgimento de desenvolvimento da LA nos Estados Unidos durante a II Guerra Mundial, com o objetivo de tratar do ensino de línguas, permanecendo ligado ao ensino de línguas estrangeiras por muito tempo. O desenvolvimento das pesquisas na área levou os estudiosos a perceberem a LA como um campo do saber, ainda que mantenha os princípios da Linguística, mas que expande sua área de atuação para o uso prático da língua, não apenas nos estudos de sua estrutura e funcionamento.

É possível, portanto, dizer que a LA deixa de pesquisar apenas o ensino de língua estrangeira e passa a cuidar de temas diversos em que a língua é o tema central, não para resolver problemas, como afirma Moita Lopes (2006, p. 20), mas para "problematizá-los ou criar inteligibilidade sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbrados". O autor entende que a Linguística Aplicada pertence ao campo das Ciências Sociais e Humanidades, não obstante tanto a LA quanto a Linguística tenham a linguagem como objeto de estudo. Celani (1992, p. 20-21) acrescenta que

> a interdisciplinaridade torna-se característica cada vez mais marcante da nossa área, atingindo além dos conteúdos mesmos as metodologias de pesquisas oferecidas por diferentes tradições, em disciplinas diversas (,,,) podemos afirmar que não há atividade humana na qual o linguista aplicado

> não tenha um papel a desempenhar. Por estarem diretamente empenhados na solução de problemas *humanos* que derivam dos vários usos da linguagem, os linguistas aplicados estão envolvidos em trabalho que tem uma dimensão especialmente dinâmica[8].

Essas considerações da autora, ecoadas posteriormente por Moita Lopes, nortearão os rumos da LA, que inicia uma construção epistemológica para o campo de atuação agora delineado. Nessa mesma direção, a LA tem se orientado como uma ciência autônoma, com novas abordagens teórico-metodológicas a partir de estudos sociais da linguagem, como nos aponta Signorini (1998, p. 91):

> a LA tem buscado cada vez mais a referência de uma língua real, ou seja, uma língua falada por falantes reais em suas práticas reais e específicas, numa tentativa justamente de seguir essas redes, de não arrancar o objeto da tessitura de suas raízes. Daí a especificidade do objeto de pesquisa em LA – o estudo de práticas específicas de uso da linguagem em contextos específicos –, objeto esse que a constitui como campo de estudo outro, distinto, não transparente e muito menos neutro.

Esse princípio apresentado pela autora contribui substancialmente para que se encaminhe a uma formulação epistemológica da LA, que reafirma a linguagem como prática social e, portanto, afasta-se mais da Linguística pura, ou teórica, e se aproxima do campo das Humanidades e das Ciências Sociais. Tal deslocamento insere os linguistas aplicados nas questões sociais, como se propunha, pensando nas relações de poder estabelecidas numa sociedade, de modo a repensar o sujeito social na contemporaneidade.

Nessa perspectiva é que a LA, “articuladora de múltiplos domínios do saber, em diálogo constante com vários campos do conhecimento que têm, de alguma forma, preocupação com a linguagem” (CELANI, 1998, p. 116), estabelece condições para uma perspectiva indisciplinar, conceito amplamente tratado por Moita Lopes (2006). O autor já esboçava este conceito ao dizer que “o foco de interesse é a área do problema e não instituições, disciplinas, e conhecimento teórico e aplicado; portanto, o que é central é o trabalho colaborativo” (MOITA LOPES, 1998, p. 108).

---

[8] Embora posteriormente a autora trate do caráter transdisciplinar da LA (CELANI, 1998), adoto o cunho interdisciplinar neste trabalho por entender que este é o mais adequado para as análises do *corpus* coletado. Ainda que a LA abarque diferentes áreas do saber em sua atuação, nesse momento observo um trabalho articulado dessas áreas, em que cada campo do saber deixa claro sua identidade e atuação, sem uma desterritorialização epistemológica em detrimento de um trabalho transdisciplinar. Além disso, essa discussão teórica não é objetivo dessa pesquisa.

Nesse sentido, Fabrício (2006, p. 48) lembra que “os fenômenos sociais só existem inseridos em um campo de problematizações, o que torna mais difícil estudar a linguagem como objeto autônomo, que existe em si mesmo e dentro de um domínio claramente delimitado”. Isso ocorre porque a linguagem é parte essencialmente constitutiva de uma sociedade, cujos discursos são atravessados por ideologias, que fazem com que as escolhas linguísticas dos indivíduos não sejam neutras ou vazias, causando diferentes efeitos de sentido nas relações sociais, que estão em contínua transformação.

É nessa direção que Moita Lopes (2006, p. 97) salienta a necessidade de “que se compreenda a LA não como disciplina, mas como área de estudos”, pois somente assim é que se pode falar em LA indisciplinar, uma vez não se atém apenas à Linguística, mas perpassa todas as atividades sociais que têm como centro a linguagem, legitimando a fala de Celani (1992) sobre o campo de atuação do linguista aplicado.

Uma vez que a LA se insere nos estratos sociais periféricos, nos dizeres de Moita Lopes (2006), de forma análoga, pode-se vislumbrar que as pesquisas realizadas pela LA junto às Ciências Sociais devem também ser orientadas aos usuários das redes sociais, sob as quais se escondem rostos e histórias vários, mas cujas ideias, sentimentos e pensamentos são materializados no ambiente virtual.

Portanto, o caráter social da LA vai ao encontro dos estudos de enunciados à medida que se ocupa em verificar as mudanças que ocorrem na linguagem, não em sua descrição, mas em seu caráter ideológico-social. Essa é a razão pela qual evocamos a LA neste estudo: contribuir nas análises sobre as relações sociais construídas a partir da linguagem nas interações no e pelo *Twitter*, cujos artefatos discursivos vão se construindo, modificando e se adaptando continuamente na dinâmica de transformações da sociedade.

Desse modo, para melhor compreender os discursos produzidos nessa rede social, é necessário que se evidencie em que momento a internet assume o papel comunicativo da atualidade e como as redes sociais se inserem nesse contexto ao ponto de atravessar o pensamento ideológico-social de seus usuários.

2.2. Comunicação Mediada por Computador

O surgimento da internet trouxe mudanças acentuadas no modo como a sociedade se organiza, se comunica, se percebe. Como afirma Castells (1999, p. 41), “nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o Ser”. Em decorrência dessas transformações, a dinâmica da sociedade também migrou em alguns aspectos para o ambiente virtual, influenciando no modo como as pessoas se relacionam.

Dessa forma, a interação entre as pessoas toma uma nova dimensão, afetando as estruturas comunicativas, pois as práticas coletivas de conversação se ampliaram no ambiente virtual, suplantando barreiras geográficas e necessidade de presença física ou individual no processo comunicativo. Essa estrutura comunicativa, Lèvy (1999, p. 51) denomina “ciberespaço”, que “encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos (...) e da coincidência dos tempos”.

Essa Comunicação Mediada por Computadores (CMC), como postula Recuero (2009), leva à ressignificação de interação social, pois a apropriação que o sujeito faz dessas novas ferramentas de comunicação pode interferir de alguma maneira nas estruturas comunicativas, sobretudo a partir do surgimento das redes sociais. A esse respeito, Recuero (1999, p. 24) diz que

> O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade. Entre essas mudanças, temos algumas fundamentais. A mais significativa (...) é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Essas ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais através desses rastros.

Nesse cenário é que aparecem as redes sociais, espaço de construção tanto para novos gêneros discursivos quanto para gêneros já estabelecidos e em uso, pois encontramos aí discursos informativos diversos ou mesmo “espaços de contação de histórias cotidianas” (BARTON e LEE, 2015, p. 17).

Nessa conjuntura é que estudos do discurso nas redes sociais tornam-se essenciais, por se tratar de atividade linguageira que subjaz às relações humanas e sociais a partir, sobretudo, do final do século passado, com a popularização da

internet, principalmente com a expansão das redes sociais, cujo significado merece atenção.

Para Recuero (1999, p. 24), redes sociais são “uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Em sua análise, a autora esclarece que os atores podem ser pessoas ou representações sociais, como *sites,* perfis virtuais que têm características identitárias afins. Cabe aos atores moldarem as redes sociais por meio das interações e pelos pontos de convergência que possuem, pois é justamente aí que as conexões são estabelecidas.

Nesse contexto, a autora diz que

> em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores. De um certo modo, são as conexões o principal foco do estudo das redes sociais, pois é sua variação que altera as estruturas desses grupos (RECUERO, 1999, p. 30).

Na definição apresentada pela autora, evidencia-se o papel das conexões para a existência de uma rede social, que está atrelada à interatividade dos atores. A esse respeito, Lèvy (1999, p. 81) nos lembra que “o termo “interatividade” em geral ressalta a participação ativa do beneficiário de uma transação de informação”.

Nessa mesma esteira, Barton e Lee (2015) ponderam sobre a centralidade da linguagem no mundo virtual, pois as mudanças mencionadas estão relacionadas essencialmente às questões de comunicação, o que, em última análise, dialoga com o pensamento bakhtiniano sobre a relação entre linguagem e atividades humanas. Além disso, apresentam a noção de que, no mundo *online*, os textos deixam de ser fixos e passam a ser mais fluidos, pois a dinâmica da criação textual na internet é diferente de um texto impresso[9].

A partir dessas considerações, notamos com mais nitidez a relação do internauta (aquele que usa internet) com o texto. Nesse sentido, Recuero (2016) nos lembra que muitos autores consideram o espaço virtual democrático, justamente por permitir uma diversidade de temas e linguagens em que se observam discursos

[9] A esta dinâmica é dada o nome de hipertexto, que não será discutido aqui por não ser nosso objeto de estudo. Para um estudo mais aprofundado, sugerimos Marcuschi e Xavier (2010).

heterogêneos e cujas interações vão legitimando as ideologias expostas por meio de trocas linguísticas.

Esse apontamento da autora traz à discussão a própria noção de formação discursiva no espaço virtual ao esclarecer que o discurso ali produzido também constitui o sujeito pela linguagem. Ora, ao considerarmos a linguagem moldando os comportamentos sociais, agora numa escala muito maior devido aos meios utilizados e ao alcance da internet, podemos considerar que a prática social de linguagem se efetiva de maneira mais rápida, ainda que os processos de interação no ciberespaço ocorram de maneira diferente que no mundo real. Recuero (1999, p. 31) aponta que

> O ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação. Há uma série de fatores diferenciais. O primeiro deles é que os atores não se dão imediatamente a conhecer. Não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação. É tudo construído pela mediação do computador. O segundo fator relevante é a influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores. Há multiplicidade de ferramentas que suportam essa interação e o fato de permitirem que a interação permaneça mesmo depois do ator estar desconectado do ciberespaço.

Pelas considerações acima, podemos dizer que o ciberespaço é onde estas formações discursivas ocorrem, articuladas entre si, mas num novo espaço, se o considerarmos em termos históricos, numa ruptura com a exclusividade de um espaço de interação em que os discursos eram materializados pela oralidade e escrita, sendo esta de maneira impressa. O que muda, portanto, é o mídium, pois a linguagem verbal divide sua existência com a tela de um computador e traz para junto de si outros tipos de linguagem, que se fundem e formam um enunciado.

Diante disso, como definir ciberespaço? É difícil chegar a uma definição curta ou exata. Buscando construir um conceito, Lèvy (1999, p. 32) formula a ideia de um “novo espaço de comunicação, de sociedade, de organização e de transação, mas também novo mercado de informação e do conhecimento”. As várias características apresentadas nesse conceito demonstram a dificuldade de construir uma definição.

Porém, esmiuçando um pouco mais essa concepção, Lèvy (1999, p. 44-45) estabelece a relação direta entre computador e ciberespaço:

> Um computador é uma montagem particular de unidades de processamento, de transmissão, de memória e de interfaces para entrada e saída de informações. (...) um computador conectado ao ciberespaço pode recorrer às capacidades de memória e de cálculo de outros computadores da rede (que, por sua vez, fazem o mesmo), e também a diversos aparelhos distantes de

> leitura e exibição de informações. Todas as funções da informática são distribuíveis e, cada vez mais, distribuídas. O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal (...) cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si.

Ou seja, o ciberespaço é um ambiente virtual[10], um ambiente não físico, onde as relações de trabalho e pessoais continuam sendo realizadas, mas por meio de um computador. Ao mesmo tempo, as relações perpassam este espaço, como aponta Lèvy (2009, p. 17):

> O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também do universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam ou alimentam esse universo.

A partir dessas considerações, pode-se adotar a uma elaboração (final?) de Lèvy (1999, p. 94-95), quando ele define ciberespaço como

> *espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores*. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (...), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (...) A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século.

Estas reflexões abrem perspectivas para que se possa verificar o impacto dessas transformações na comunicação discursiva da sociedade. Ora, se temos a Comunicação Mediada por Computadores como uma nova forma de socializar os discursos, podemos inferir que novos gêneros estão surgindo a partir dessa premissa.

Nessa conjuntura é que surgem as redes sociais, dentre elas o *Twitter*, que incorpora novos elementos na construção discursiva do indivíduo. Os gêneros discursivos produzidos agora no mídium (Maingueneau, 2011) geram novas formas

---

[10] Lèvy (1996) apresenta uma série de considerações para conceituar virtual. O autor postula a ideia de que virtual está relacionado ao atual e não uma força antagônica ao real. Assim, e de um modo conciso, assumimos a concepção geral de virtual como o que existe, mas não está presente. Entretanto, há um centro gravitacional no mundo virtual em que os participantes desse universo, mesmo ausentes, estão interligados por algum fator, como afinidade, temas etc. Como diz o autor: "a virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia" (LÈVY, 1996, p. 20).

de convivência social, mesmo que geograficamente distante, como pudemos perceber ao conceituar ciberespaço.

2.3. Hipermídias e Redes Sociais

Todas estas considerações nos ajudam a perceber a dimensão que a internet tomou no processo de comunicação entre as pessoas. No espaço virtual, ou na comunicação mediada por computador, a materialização da linguagem verbal apresenta crenças, ideologias, valores que constituem os atores que dela participam. São tangíveis as "relações de poder simbólico" (RECUERO, 2016, p. 20) que se estabelecem na internet, intensificadas nas redes sociais, considerando as interações mais diretas e pessoais entre os interlocutores, ainda que essa forma de comunicação permita o anonimato dos atores envolvidos.

Compartilhamos da mesma ideia presente na interessante reflexão sobre o universo virtual feita por Araújo e Leffa (2016, p. 15):

> Na virtualidade, as redes têm uma natureza diferente e criadora de coisas, sem ponto claro de entrada ou de saída. Elas cobrem tudo o que existe em todas as áreas da atividade humana, tanto do ponto de vista do indivíduo quanto da sociedade, invadindo o espaço e o tempo. Se, por um lado, parecem reproduzir algo já existente, por outro, as redes fazem também emergir uma realidade diferente, transformando aquilo que pensamos conhecer.

No entanto, quando falamos em Comunicação Mediada por Computador, um dos componentes que a constitui é a conversação. Em se tratando de redes sociais, importa dizer que o que temos são *sites* de redes sociais na internet e que, graças a ela, a conversação em ambiente virtual toma uma proporção de alcance ainda maior, dado o número de perfis com os quais se pode interagir de forma síncrona ou assíncrona, resgatando conversas das quais a pessoa participou ou não.

Nesse sentido, na dinâmica das redes sociais há dois elementos fundamentais em sua definição: a apropriação e a estrutura. Recuero (2009, p. 121) esclarece que

> a apropriação refere-se, portanto, às formas de conversação que são expressas em um determinado tipo de *site* de rede social. Já a estrutura, tem um duplo aspecto: Por um lado, temos a rede social expressa pelos atores em sua "lista de amigos" ou "conhecidos" ou "seguidores". Por outro, há a rede social que está realmente viva através das trocas conversacionais dos atores, aquela que a ferramenta auxilia a manter. As conexões decorrentes das listas são normalmente associadas a um *link*[11], a uma adição ou a uma

[11] Endereço eletrônico de um arquivo ou página na internet.

> filiação pré-estabelecida pela estrutura do sistema. As conexões decorrentes das conversações, ao contrário, são emergentes.

Diante disso, podemos dizer que as redes sociais têm uma ação prática no ciberespaço, porque os discursos estão sendo produzidos a todo o tempo, por atores conhecidos entre si ou não. Além disso, a dinamicidade que lhe é característica permite que os enunciados produzidos ganhem uma rápida difusão, podendo ser replicados em pouco tempo e para um gama de atores cujo número exato fica difícil de determinar.

Por essa razão, os estudos das redes sociais são um imperativo para os estudos da linguagem, uma vez que essas redes permeiam as práticas linguageiras na contemporaneidade. Nas relações sociais por meio da linguagem no ambiente virtual, Buzato (2016, p. 37) destaca que

> De alguma maneira, as RSO[12] cumprem, para os estudos da linguagem, papel semelhante ao cumprido, a partir dos anos 1990, pelos primeiros hipertextos *online*. Em ambos os casos o digital trouxe para o pesquisador uma manifestação empírica em grande escala de algo que antes constituía basicamente um argumento teórico (no caso do hipertexto, as teorias pós-estruturalistas sobre texto; no caso das RSO, teorias sociointeracionistas do social e abordagem dos sistemas complexos).

Essa característica torna o espaço virtual num amálgama de discursos que vão moldando o sujeito em sua relação com a linguagem e, por conseguinte, com o espaço social, com “interações locais que geram efeitos globais” (BUZATO, 2016).

Ou, como nos lembra Recuero (2016, p. 20), “o discurso reconstrói no ciberespaço as estruturas de dominação, legitimando a ideologia dominante da sociedade, particularmente as estruturas de violência simbólica”.

Analisar, pois, os discursos materializados pela linguagem verbal numa rede social, é não apenas concebível, senão necessário, uma vez que também aí as formações discursivas tornam-se latentes nas relações de poder entre discurso e sociedade, e a AD é que pode alicerçar estes estudos. Além disso, a LA torna-se necessária, pois é ela que se ocupa dos fenômenos sociais em que a linguagem em uso traz para “criar inteligibilidade” (MOITA LOPES, 2006) sobre o objeto de pesquisa, de modo a auxiliar no desenvolvimento da sociedade.

---

[12] Redes sociais *online*

2.4. Twitter

A internet permitiu que surgissem diversos *sites* de redes sociais, conforme o interesse de cada usuário. A esse respeito, Boyd e Ellison (2008, p. 211) assim definem *sites* de redes sociais:

> Definimos *sites* de redes sociais como serviços baseados na *Web* que permitem que indivíduos construam um perfil público ou semippúblico dentro de um sistema limitado, articulam uma lista de outros usuários com os quais compartilham uma conexão, visão e transpassa sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de *site* para *site*[13].

Por esta razão é que encontramos na internet diversos *sites* de redes sociais, com diferentes segmentos, como *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest*, *Twitter* e outros. Esses *sites* de redes sociais são direcionais para diferentes perfis, ao mesmo tempo em que podem desaparecer por não ser utilizados ou ser substituídos por outro, como foi o caso do *Orkut*, por exemplo. Portanto, para essa análise, optou-se pelo *Twitter*, considerando os objetivos deste trabalho.

Heberman et ali (2008, p. 2-3) define *Twitter* como

> uma rede social *online* usada por milhões de pessoas ao redor do mundo para permanecerem conectados aos seus amigos, membros da família e colegas de trabalho por meio de seus computadores e celulares. A interface permite que os usuários postem mensagens curtas (de até 140 caracteres[14]) que podem ser lidas por qualquer outro usuário do *Twitter*. Os usuários escolhem as pessoas as quais estão interessadas em seguir, neste caso são notificadas quando essas pessoas postam uma nova mensagem. Um usuário que está sendo seguido por outro não tem obrigatoriedade de segui-lo de volta (...)[15].

Recuero (2016, p. 21) apresenta uma nota de rodapé com outros elementos à definição dessa rede social ao dizer que

---

[13] Tradução minha para "We define social network *sites* as web-based services that allow individuals to construct a public or semi-public profile within a bounded system, articulate a list of other users with whom they share a connection, and view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from *site* to *site*".

[14] A partir de 2017 foi ampliado para 280 caracteres.

[15] Tradução minha para "is a online social network used by millions of people around the world to stay connected to their friends, family members and coworkers through their computers and mobile phones. The interface allows users to post short messages (up to 140 characters) that can be read by any other *Twitter* user. Users declare the people they are interested in following, in which case they get notified when that person has posted a new message. A user who is being followed by another user does not necessarily have to reciprocate by following them back (...)".

> O *Twitter* é uma ferramenta com características de *site* de rede social que permite a seus usuários construir um perfil e postar mensagens públicas ou privadas de até 140 caracteres. Essas mensagens são recebidas pelos "seguidores". Ao mesmo tempo, é possível também "seguir" outros usuários. Nesse âmbito, um usuário também pode retuitar (repassar uma mensagem recebida das contas que segue para seus seguidores, que podem ou não seguir a conta original). Os usuários são identificados por um "@" diante do seu nome de usuário.

Essas considerações são importantes por tratarem de como a rede foi pensada, ao mesmo tempo em que podemos perceber como seu funcionamento abarca usuários que não se conhecem, mas podem compartilhar um mesmo enunciado produzido por outrem, cuja autoria nem sempre fica clara. Além disso, o fato de o usuário ser identificado com um símbolo (@) e que permite colocar um nome que bem lhe aprouver, salienta a possibilidade de despersonalizar o indivíduo, cujas construções enunciativas ou interações podem ser realizadas sem a consideração afetiva ou social do outro. Há ainda os perfis de pessoas socialmente conhecidas por um grande público, ou importantes, cujo perfil vem acompanhado de um símbolo para indicar verificado, ou seja, que aquele perfil corresponde de fato à pessoa conhecida.

Outra característica dos perfis do *Twitter* é que o usuário pode definir se todos os perfis podem ver suas postagens ou apenas os quais ele segue. Assim, são chamados perfis abertos os que deixam acesso livre para visualização e perfis fechados para os que somente seguidores podem ler as postagens. Para esta dissertação, os dois perfis escolhidos são abertos, portanto públicos para visualização.

Embora atualmente o *Twitter* permita diferentes linguagens (som, imagem e palavra), sua origem é essencialmente escrita, de modo que se torna importante para essa pesquisa a linguagem verbal utilizada nessa rede social. Ademais, Barton e Lee (2015, p. 43) nos recordam que "texto *online* não são mais estáveis, não atuam mais como pontos de referência fixos", pois as pessoas podem interagir simultaneamente ou não com o texto ali posto, ou seja, o leitor possui de certa forma um controle sobre o texto.

Alicerçado nessa concepção de ambiente virtual como um novo espaço de interação e linguagens múltiplas, consideramos o *Twitter* como um desses espaços, onde a produção discursiva se faz, mas com características próprias, tendo em vista

a limitação de caracteres dessa rede social. Isso nos leva, consequentemente, a caracterizar o gênero aí presente, o qual chamaremos de tuíte.

Uma vez que um gênero discursivo se dá em razão de uma troca social, o tuíte subjaz à construção enunciativa no *Twitter,* pois os usuários se adaptaram à limitação de caracteres e, portanto, fizeram uma espécie de linguagem própria, com abreviações e outros signos de identificação particulares. Para dar conta de ordenar um mesmo assunto, é comum o uso de símbolo sustenido (#), nominado de *hashtag.* Mendes (2018, p. 216) a considera como

> conjunto formado pelo símbolo # (cerquilha) seguido de uma palavra ou oração. As *hashtags* são muito utilizadas em redes sociais como forma de indexar postagens com o mesmo tema e facilitar a recuperação de informação, visto que, ao clicar sobre uma *hashtag*, tem-se acesso a todas as postagens etiquetadas da mesma maneira. Além disso, o uso dessa ferramenta favorece o compartilhamento de informações e a interação nas redes sociais, pois, em certa medida, permite a identificação do autor de uma postagem com determinado grupo, dado que um usuário, geralmente, posta e compartilha mensagens com etiquetas utilizadas também por outras pessoas. Nesse sentido, o uso de uma *hashtag* pode ser pensado como um elemento definidor de uma comunidade discursiva.

Assim, as escolhas lexicais exigem recursos linguísticos do usuário das redes sociais quando este organiza sua linguagem verbal, permitindo a interação com outrem e atendendo ao dialogismo trazido por Bakhtin (2011). Além disso, sendo a linguagem um fenômeno social, esta relação também se fará no *Twitter*, tanto nas postagens, quanto nas respostas ao tuíte ou ao retuitar uma postagem. Assim, ainda que não podendo identificar de imediato o autor do tuíte, encontramos ali as características ideológicas de quem o produz.

Por esta razão, embora encontremos o *Twitter* como um gênero microblog (SANTOS, 2011), optamos por assumir o *Twitter* como um espaço virtual para construção discursiva e o tuíte como gênero, dadas as características híbridas que o constituem. Para nossas análises, tomaremos os tuítes produzidos pela linguagem verbal e de autoria dos sujeitos escolhidos, de modo que não abordaremos os retuítes ou respostas, uma vez que um tuíte pode ter inúmeras respostas de interlocutores diversos.

Antes, porém, de iniciarmos a análise propriamente dita, utilizaremos o perfil do Padre Fábio de Melo e um tuíte do jornalista Guga Chacra, mas sem nenhuma postagem, para identificarmos as partes constituintes do perfil e de um tuíte,

respectivamente, ao mesmo tempo em que vamos destacando as particularidades do perfil nas postagens. Contudo, cada usuário edita o perfil com elementos à sua escolha. A ilustração a seguir nos auxilia a compreender a distribuição gráfica e a função dos elementos que compõem um perfil.

Figura 01

Na Figura 01, observamos uma imagem maior, que é chamada de capa. Esta imagem, bem como a foto, que podemos observar mais abaixo, de forma esférica, são opcionais e cada um escolhe a imagem que optar. O mesmo ocorre com o nome do perfil, que não precisa ser o nome da pessoa, como é o caso em questão, em que o religioso optou por colocar o nome todo emendado. O nome abaixo, precedido pela @, é o nome de usuário do autor do perfil. Na imagem em questão, é o mesmo nome que colocou na identificação, com a abreviação de padre em pe.

O símbolo em azul ao lado do nome é utilizado pelo *Twitter* para identificar um perfil verificado, ou seja, de uma personalidade conhecida. Esse sinal serve para comprovar que o autor é a pessoa em questão ou alguém com autorização para falar em nome dela. Somente pessoas com grande expressão social, seja de ordem artística, religiosa, política, dentre outras, possuem este símbolo.

Abaixo da capa ainda temos 3 pontos, que são configurações que o seguidor pode fazer em relação a este perfil, que pode ser de bloquear o perfil para não receber mais notificações de postagens, deixar de seguir, ou denunciar postagens indevidas, que ferem a lei.

O sino acompanhado do símbolo de mais é utilizado para que o usuário seja notificado cada vez que aquele perfil faça uma postagem. Por fim, aparece a palavra seguindo, quando o usuário é seguidor daquele perfil, ou seguir, quando ainda não o é.

Abaixo das informações de identificação, há um campo chamado de bio, onde a pessoa pode colocar uma descrição do perfil ou uma frase à escolha, como podemos observar: “Ficamos mais lúcidos quando nos livramos das paixões”, seguido do endereço de outra rede social do autor e da data de seu aniversário. Essa descrição também pode ser modificada a qualquer tempo.

Em seguida, há a data em que a pessoa se inscreveu no *Twitter.* Posteriormente, vem o número de perfis que este autor segue e o número de seguidores que possui. Cada usuário segue quantos perfis desejar, nesse caso 524, mas o número de seguidores não está no controle do perfil. Ele apenas pode bloquear usuários que não deseja que veja suas postagens. Por isso, na data de captura dessa imagem, o Pe. Fábio de Melo possuía 8,3 mil seguidores.

Em seguida, vêm os perfis que o usuário e o dono do perfil têm em comum, porém os nomes foram omitidos por não serem pessoas públicas e não terem autorizado o uso da imagem.

Por fim, temos as abas em que constam Tweets, que são as postagens, e que neste trabalho aportuguesamos para tuíte; Tweets e respostas, que é quando o autor responde a algum tuíte; Mídia, que são imagens ou vídeos; e Curtidas, que são as postagens que o autor curtiu.

Na Figura 02 temos a imagem de onde é feito o tuíte. Apagamos o texto principal ao centro para nos atermos mais aos elementos que constituem este espaço.

Figura 02

No canto superior esquerdo, temos uma foto do jornalista, em que é possível identificar seus traços faciais e uma vestimenta formal. Essa imagem é a que o autor escolhe por colocar na própria página quando cria o perfil, podendo ser alterada a qualquer momento pelo dono do perfil, como já dissemos.

Ao lado da imagem, temos o nome do perfil, que neste caso é o nome com que o jornalista é conhecido, Guga Chacra[16]. Também aí, há a liberdade do usuário em colocar o nome que mais lhe aprouver, podendo ser apelidos, pseudônimos etc.

Neste perfil, especificamente, o autor inseriu 5 bandeiras[17], a saber: Brasil (que é a nacionalidade do jornalista), Estados Unidos (país onde reside), Líbano e Itália (em referência à sua descendência, como vez ou outra comenta no *Twitter*) e a bandeira da Argentina (por sua paixão pelo futebol deste país). Em seguida, vem o ícone de perfil verificado do *Twitter*.

Ao lado, vem o nome de identificação do autor no *Twitter*, sempre precedido do símbolo arroba (@). Este símbolo garante o encontro do perfil pelo registro na rede social, dando liberdade para o usuário alterar as outras informações mencionadas inicialmente.

Por fim, vem a data da publicação, sequencialmente dia, mês e ano. Para as publicações feitas dentro de um período de 24 horas, é informado há quanto tempo foi feita a postagem, em minutos na primeira hora e em horas até completar as 24 horas. Completado esse período, é informado há quantos dias foi feita a postagem, até completar uma semana. A partir daí, é informada a data na sequência do calendário.

Na parte inferior da postagem, encontramos 4 símbolos, chamados ícones, que possuem funções distintas. O número ao lado dos 3 primeiros símbolos é marcador da quantidade de usuários que efetuou função daquele ícone, a saber: o primeiro, da esquerda para direita, tem a função de comentar o tuíte. Na imagem apresentada, por exemplo, 30 usuários comentaram aquela postagem. Para ler estas postagens, é necessário clicar sobre o ícone.

---

[16] Seu nome verdadeiro é Gustavo Cerello Chacra

[17] As informações sobre as razões das bandeiras são mencionadas pelo autor em outras postagens, mas que não reproduzimos os tuítes para este trabalho por não estarem no período de coleta dos dados.

Em seguida, temos um símbolo cuja função é de compartilhar uma postagem. No *Twitter,* essa ação é chamada de retuitar. Ao fazê-lo, o usuário tem a possibilidade de apenas compartilhar a mensagem ou retransmiti-la com um comentário do usuário que está executando essa ação.

O penúltimo ícone é utilizado pelo usuário para sinalizar que curtiu a mensagem, o que não é necessariamente uma concordância com o exposto, mas indicar que houve uma interação com o tuíte.

Embora apareçam 4 ícones, estes três primeiros informam uma interação explícita, pois qualquer pessoa pode verificar quantas interações ocorreram naquele tuíte, o que é chamado de engajamento. Além disso, eles podem ser utilizados simultaneamente, ou seja, um usuário pode comentar, compartilhar e curtir um tuíte, pois uma ação não anula a outra. Inclusive é comum que as pessoas que comentam uma postagem também a curtam.

O último ícone é de uma interação mais reservada, pois pode ser utilizado para enviar uma mensagem direta para o dono do perfil, também para salvar o *link* desse tuíte, bem como simplesmente salvar o tuíte na própria plataforma. Em qualquer uma destas funções, os demais usuários não têm acesso a essa informação.

Cremos que após essa descrição mais pormenorizada do funcionamento do *Twitter*, tenham sido criadas condições para que possamos iniciar as análises discursivas dos dados coletados.

SEÇÃO 3 – COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1. Coleta de dados e perfil de seus geradores

Para análise, escolhemos dois perfis do *Twitter*, todos abertos para visualização das postagens, portanto de domínio público à época da coleta de dados, sendo um jornalista, residente nos Estados Unidos e correspondente da Rede Globo naquele país, e um religioso, padre católico bastante conhecido no Brasil. A escolha desse jornalista e desse religioso se deu em razão do expressivo número de seguidores que possuem no *Twitter*, pelos múltiplos assuntos tratados em suas postagens, que provocam uma resposta ativa dos perfis que os seguem, no *Twitter* chamado de seguidores, e pela assiduidade de postagens, o que permite um número maior de dados que mais bem balizam esta análise, além de serem duas personalidades que se sobressaem entre seus pares nas redes sociais, ao considerarmos o número de seguidores, e por se destacarem dos demais perfis de mesma área de atuação.

Quanto à metodologia, esta análise será qualitativa, uma vez que se trata de um fenômeno social da linguagem. Para tanto, utilizaremos os pressupostos das cenas da enunciação apresentadas por Mainguenau (2008, 2011, 2015). Os dados foram coletados a partir de postagens realizadas no *Twitter* entre os dias 01 e 03 de junho de 2019, momento em que acontecia a Copa América, sediada pelo Brasil, e um momento de efervescência política no Brasil, em razão de ações do Governo Federal ou de membros da família presidencial, que geraram algum rumor nos bastidores da história política do país. Por serem perfis abertos à visualização, optei por deixar os nomes e imagens dos autores dos discursos, seguindo a ordem de análise por autor e não por data.

A apresentação dos autores escolhidos são as constantes no perfil do *Twitter* à época da coleta de dados. Guga Chacra é jornalista e em sua descrição no *Twitter* se apresenta como “Mestre em Relações Internacionais pela *Columbia University*, é comentarista da GloboNews, da TV Globo e da Rádio CBN em NY e colunista do Jornal O Globo”. Suas postagens são na maior parte sobre política internacional, mas também trata de futebol a assuntos triviais do cotidiano. Ele possui em torno de 1 milhão e 100 mil seguidores no *Twitter* e segue 1620 perfis na mesma rede.

Padre Fábio de Melo é religioso, mas não faz nenhuma observação de apresentação pessoal sobre quem é. Apresenta, contudo, um enunciado reflexivo: “Ficamos mais lúcidos quando nos livramos das paixões”. Suas postagens vão de reflexões existenciais, religiosas a enunciados de caráter humorístico ou de seu cotidiano. No período da coleta dos dados, ele possuía 8 milhões de seguidores e seguia apenas 511 perfis.

Para as análises, foram capturadas as imagens da postagem e analisados os discursos presentes em cada uma delas. Em alguns casos, há postagens que fazem referência a um texto imagético e por isso a figura não foi dividida para análise. Devido a esse caráter intersemiótico entre escrita e imagem, optamos por manter a postagem original.

Além disso, a ordem das postagens é temporal, de modo que algumas postagens remetem a outras já mencionadas anteriormente, mas não sequencialmente, pois podem ser realizados quantos tuítes o autor quiser, além de retomar um anterior, caso queira. A sequência, entretanto, se mantém na ordem de postagem e não na de temática.

3.2. Análise dos dados

3.2.1. Guga Chacra

Considerando as reflexões sobre cenas discursivas, passemos às análises dos dados coletados, iniciando pelas postagens do jornalista Guga Chacra.

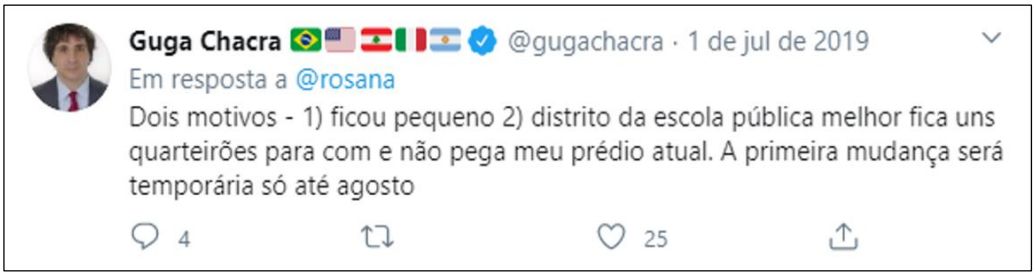

Figura 03

A postagem da Figura 03 apresenta uma resposta a outro interlocutor, cujo perfil no *Twitter* é @rosana. O fato de iniciar com a expressão “Dois motivos” leva-nos a inferir que a resposta pode estar relacionada não apenas a uma postagem, mas que nesta havia uma pergunta. Além disso, o discurso produzido remete a um diálogo

direto entre dois interlocutores, ao qual qualquer leitor tem acesso, ou seja, não está na esfera privada.

Ao verificarmos a composição da cenografia desse discurso, temos um discurso particular, de esfera familiar, mas que é produzido num mídium que o torna público, ainda que um deles seja identificado pelo marcador @rosana. Ao trazer um enunciado que foge da esfera jornalística, que num primeiro momento se espera pelo perfil profissional do autor, associamos esta cena genérica ao que Maingueneau (2015, p. 121) chama de “papéis para os parceiros”, pois nesse enunciado o jornalista não se inscreve como profissional, mas como um cidadão comum, tratando de um tema familiar num espaço público e que, portanto, abre margem para que outros interlocutores possam abordar o assunto.

Esse diálogo demonstra que nas redes sociais há aproximação de uma figura pública com uma pessoa comum por meio da linguagem. Observamos um enunciado da vida particular que foi postado pelo jornalista, pois dá a entender que se trata de mudança de endereço residencial, sobretudo pelo enunciado “A primeira mudança será temporária só até agosto” *(sic)*. Além disso, é possível notar que foi um tuíte com pouca interação de outros usuários, com apenas quatro comentários e vinte e cinco curtidas. Essa postagem não foi retuítada.

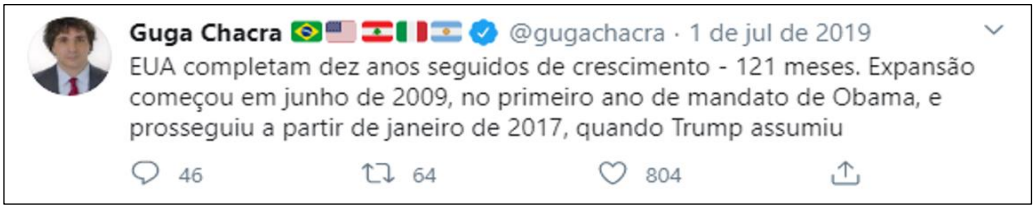

Figura 04

A Figura 04 nos remete a outra cenografia, pois aqui temos um discurso na esfera jornalística. De antemão, podemos observar que, comparando à Figura 03, cujo discurso é de ordem particular, encontramos neste enunciado maior interação entre os seguidores do jornalista ao considerarmos que houve 46 comentários, 64 retuítes e 804 curtidas nesta postagem.

O enunciado produzido faz referência à política internacional, de caráter informativo, sem nenhuma subjetividade explícita do enunciador, que o insere, portanto, no papel de jornalista. A composição desse gênero discursivo deixa visível a cenografia de notícia nesse tuíte por se tratar de uma construção que atende ao gênero discursivo do texto jornalístico, sem interferência de outro gênero discursivo.

Temos, neste tuíte, uma cenografia exógena, em que o recurso utilizado é encerrado pelo próprio gênero, com predominância, portanto, da cena englobante. Vale notar que, embora seja o mesmo autor do discurso da figura anterior, nesse caso ele se inscreve como jornalista, passando uma informação para os seus seguidores no *Twitter.*

Figura 05

Na Figura 05, o enunciador retoma o tema tratado na Figura 03 ao falar dos filhos nascidos no apartamento, o que sugere a mudança de endereço. De toda sorte, ao utilizar a expressão “Apenas para ficar claro”, o enunciador introduz uma explicação sobre um discurso produzido anteriormente e que pode dar abertura a diferentes interpretações, como se os filhos tivessem nascido no apartamento e que seria necessário não deixar margem para uma interpretação literal.

Ao utilizar aspas para o verbo “nasceram”, o enunciador quer dar um destaque no termo, o que é confirmado pela explicação seguinte, de que o verbo foi utilizado no sentido figurado. Em seguida, informa o nome do hospital onde os filhos nasceram. Mais uma vez, por se tratar de um assunto de ordem privada, temos poucas interações com o tuíte[18].

Podemos observar também a abreviação da palavra apartamento, com o uso de “apt”. Essas reduções gráficas são comuns no *Twitter* em razão da limitação de caracteres que a plataforma disponibiliza para cada tuíte. Isso faz com que, além de abreviar para comportar mais palavras na frase, também faz com que enunciador trabalhe a redução textual do tuíte, organizando os pontos principais do discurso a ser postado.

[18] Insistimos nessa observação não para dizer que assuntos particulares não têm muitas interações, mas com o objetivo de demonstrar como os usuários interagem com o perfil, que é de um jornalista, em diferentes postagens.

Outro elemento que verificamos nesse tuíte é o caráter não linear do *Twtitter,* pois observamos uma alternância de assuntos, de modo que o usuário pode acompanhar, e também postar, mais de um assunto simultaneamente. Além disso, a expressão em azul “Mostrar esta sequência”, presente na figura, indica que há mais discursos produzidos naquele tuíte, e que somente se clicar na mensagem em azul os demais aparecerão.

Isso nos diz que um mesmo tema pode ser retomado incontáveis vezes, de modo assíncrono, mas que a estrutura do *Twitter* mostra apenas os mais recentes, sem ocultar os demais ícones que compõem este espaço.

No que diz respeito ao gênero discursivo e na articulação entre as 3 cenas de fala, observamos que, embora não tenhamos um destinatário nominado, o enunciatário está presente. Do contrário, não haveria sentido o enunciado, tampouco a preocupação do enunciador em produzir um esclarecimento. Com isso, podemos dizer que a preocupação com o destinatário é sempre manifesta, de modo consciente ou não, e que em alguns enunciados este cuidado pode ser observado com maior nitidez.

Figura 06

Na Figura 06, vemos uma postagem sobre política internacional, dando continuidade à retomada discursiva, e não sequencial de postagem, sobre a relação econômica entre o presidente dos Estados Unidos à época da coleta de dados e a chanceler alemã e presidente da França deste mesmo período.

Nesse tuíte encontramos alguns termos que remetem à subjetividade do enunciador sobre o tema. O uso de substantivos “força” e “multilateralismo” denotam a tensão que há na relação entre a União Europeia e o governo norte-americano, realçado pelo termo “contra” para aludir a Trump e aliados. Além disso, podemos inferir que nesse discurso o termo “multiculturalismo” está no mesmo campo semântico que “globalismo”, ao qual o presidente dos Estados Unidos se opõe.

Ainda assim, a cena genérica é perceptível pelo que Maingueneau (2015, p. 122) chama de “uso específico de recursos linguísticos”, com a citação de nomes de figuras políticas importantes no cenário mundial, bem como nome de blocos econômicos.

Ao trazer produzir esses enunciados, o autor se vale da posição de jornalista, mas não de mestre em relações internacionais, como ele descreve em seu perfil. Além disso, observamos o uso de bandeiras de diferentes países à frente de seu nome, de modo a estabelecer uma correlação entre sua formação e seus discursos, o que permite, de alguma maneira, que um interlocutor tenha essa percepção do enunciador, mas que ainda que não está manifesta nos discursos até agora analisados.

Maingueneau (2008, p. 117) afirma que “a escolha da cenografia não é indiferente: o discurso, desenvolvendo-se a partir de *sua* cenografia, pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima”. O tuíte seguinte corrobora essa afirmação ao observarmos os elementos que constitui a cenografia utilizada, ao mesmo tempo em que um distanciamento aparente do enunciador a um posicionamento explícito do discurso produzido por ele deixa de existir.

Figura 07

Neste tuíte, temos um diálogo entre o texto verbal e não verbal tuitado. Por ser um tuíte relativamente extenso, o autor inicia com a abreviação “gov” para indicar o termo governo, o que permite economia de caracteres sem deixar dúvidas sobre o assunto do discurso, pois neste espaço as abreviações já trazem um sentido determinado, embora não definitivo.

Podemos verificar que aqui se trata de um tema de política internacional, com juízos de valor do enunciador, pois inicia relatando uma concordância com o governo em relação ao que o enunciador chama de ditaduras. Porém, com o uso da conjunção “mas” no período seguinte, explicita o contraponto ao comparar a posição do governo com outros países.

Temos, portanto, uma cenografia em cuja cena englobante podemos observar que o enunciador produz um discurso da esfera jornalística, o que ocorre também na cena genérica ao termos um jornalista que produz um enunciado validando seu posicionamento como tal nesta cenografia, numa confirmação para os interlocutores da apresentação pessoal que fez no perfil do *Twitter* e que lhe permite apresentar juízo de valor sobre o tema da postagem.

Além disso, o enunciador também se posiciona discursivamente ao utilizar o adjetivo “ditador” para uma das figuras representadas no tuíte e ao elencar uma série de atividades condenáveis social e politicamente, ainda que algumas delas sejam defendidas por grupos de pessoas com justificativas religiosas.

Ainda que haja um posicionamento pessoal do enunciador, o assunto tratado aqui não é de ordem privada, o que pode explicar o número de interações com esse tuíte. Isso nos leva a crer que um tuíte de ordem política, econômica ou outra fora do campo particular, gera maior interesse e, por conseguinte, interação dos perfis que seguem o jornalista.

Isto pode ser visto ao considerarmos 1,3 mil comentários ao tuíte. Aliás, o comentário normalmente vem em menor número que as demais interações, e nesse tuíte não é diferente: podemos observar que houve 2,6 mil compartilhamentos do tuíte e 17,1 mil curtidas.

Figura 08

Tal qual na Figura 07, podemos observar que na Figura 08 o enunciador mantém o mesmo texto imagético, mas altera o texto verbal, de modo que o contexto de fala permanece inalterado, ou seja, mesma cenografia. Entretanto, é notável uma acentuação discursiva que reitera o posicionamento inicialmente apresentado com o uso dos termos “sanguinária”, “perseguir”, “proíbe” e “decapitados’.

Embora a cena discursiva seja a mesma do tuíte anterior, o fato de haver menos interação não nos permite afirmar com precisão o total de interação no conjunto dessa cena. O fato de aparecer em azul, na parte inferior do tuíte, a expressão “Mostrar esta sequência”, impede que tenhamos acesso ao enunciado completo, como já ocorrido outra vez.

Figura 09

Na Figura 09 também ocorre uma resposta a um perfil, identificado como @f_andrade_. Como podemos perceber, não há explicitamente um texto anterior de referência, porém o uso dos termos "*selfie"* e "ditadores" nos permite inferir que se trata do mesmo assunto discutido nas figuras 07 e 08. Além disso, o número de interações, sendo 49 comentários, 33 compartilhamentos e 1,6 mil curtidas, são números expressivos se comparados aos tuítes pessoais.

Analisando, portanto, as figuras 07, 08 e 09, podemos dizer que a cena genérica que forma estes enunciados é a mesma, pois o enunciador exerce um papel social bem definido, o de jornalista, com discursos que se espera de um jornalista e/comentarista político. Ainda que tenhamos na Figura 09 uma resposta a um interlocutor, a conduta do enunciador não o insere noutra cenografia.

Figura 10

Nesta figura, o enunciador faz menção a uma música postada. Por aparecer a mensagem "Mostrar esta sequência", provavelmente a música referida está no tuíte. Vale lembrar que o *Twitter* permite postagens de textos não verbais, como imagem, som etc.

O uso do verbo "torço" pode dar margem para uma série de interpretações a partir das acepções dessa palavra, entretanto, se considerarmos que no período da coleta de dados estava acontecendo no Brasil a Copa América de Futebol, podemos inferir que a postagem indicava uma partida de futebol da seleção brasileira.

Podemos também verificar que o uso do adjetivo “provocativa” está diretamente ligado ao advérbio “obviamente”, de modo que inferimos se tratar de uma música que possivelmente não deveria ser utilizada por um torcedor brasileiro. Mas, ao utilizar esses dois termos, fica explícita a finalidade de humor na postagem.

Figura 11

Esse tuíte é iniciado com uma interjeição que direciona para o uso informal da língua escrita na postagem. O discurso produzido é também uma resposta a outro usuário, @danieldepaula01, mas nessa captura de imagem, diferente de outras que também eram respostas, não temos a expressão “Mostrar essa sequência”, de modo que não podemos afirmar se a resposta se deu por uma postagem do jornalista ou do outro usuário e aqui o enunciador está utilizando esse espaço apenas para fazer menção à postagem.

De todo modo, nesse enunciado observamos características próprias do tuíte, com abreviação de você em “vc”, o que é muito comum em mensagens rápidas nas redes sociais, encerrada com uma figura conhecida como emoji[19], que expressa apreensão. Contudo, pelo contexto discursivo, pode-se inferir que se trata um pedido com sutileza feito a alguém.

Nesse tuíte, o enunciador não se coloca na posição de jornalista, pois o discurso é direcionado a um destinatário específico e que, ao dizer “vc deve saber qual é” nos permite dizer que há um discurso comum entre eles, ou pela provocação de qual time cearense é mais expressivo ou porque ambos já compartem da mesma ideia.

[19] Criados na década de 1990, os *emojis* são desenhos próprios e inéditos, tratados como extensões do conjunto de caracteres ocidentais usados na maioria dos sistemas operacionais da atualidade (o famoso Unicode), tal como os ideogramas chineses, coreanos e japoneses. Fonte: https://www.tecmundo.com.br/web/86866-voce-sabe-diferenca-entre-emoticons-*emojis*.htm

Temos, portanto, uma cenografia em que a legitimação do discurso se dá pela adesão do interlocutor à medida em que ele também participa da interação discursiva, podendo ser comprovado nesse tuíte pelo fato de ser uma resposta a outro usuário, por exemplo.

Interessante notar, nos discursos analisados até aqui, que os enunciados de cunho pessoal têm mais comentários que compartilhamentos, o que dá a entender o interesse dos usuários em retransmitir temas como política ou economia, ao passo que nos assuntos pessoais se sobressaem os comentários. As curtidas, contudo, são predominantes em todos os tuítes, porque é um recurso que manifesta a leitura do enunciado, sem necessidade de mobilizar outros recursos discursivos para a interação.

Figura 12

Na Figura 12, o enunciador faz 3 indagações sobre a relação de países do leste europeu com diferentes modalidades esportivas. Observamos que as perguntas são pertinentes nas comparações entre alguns esportes em equipe desses países na data de coleta dos dados e quando faziam parte da Iugoslávia[20].

Na cenografia desta postagem observamos bem a articulação entre a cena englobante e a cena genérica. Esta traz uma ou mais finalidades discursivas por tratar de esportes ao mesmo tempo em que ficam implícitas as mudanças geopolíticas ocorridas no continente europeu pós-Guerra Fria e cujo conhecimento prévio torna-se primordial para entendimento do enunciado.

No que diz respeito à cena englobante, observamos que o papel do enunciador varia no tema apresentado, podendo ser tanto de um jornalista tratando

[20] A Iugoslávia fazia parte dos países que compunham o bloco socialista/comunista na Guerra Fria, que terminou com a queda do Muro de Berlim, em 1989. Após esse ano, vários conflitos nessa região ocorreram por conta de forças separatistas que buscavam independência de seus territórios, de modo que a Iugoslávia deixou de existir, sendo desmembrada em outros territórios.

de mudanças geopolíticas no continente europeu, quanto uma pessoa comum tratando de esportes e fazendo comparação em diferentes momentos históricos. O fato de ao final responder às perguntas com uma negação do conhecimento da resposta, realçada com o verbo “juro”, indica que são questões que, *a priori*, merecem mais ponderações que respostas, o que atende a um ou outro papel do enunciador.

Embora a Língua Portuguesa possua quatro formas distintas de uso do porquê, cada uma com suas particularidades e funções, nas redes sociais este uso é abreviado[21] em “pq”, como vemos no início do tuíte da Figura 12. Vale salientar que o uso dessa abreviação se constitui em alterações na escrita que se adaptam aos gêneros textuais das redes sociais, mas que não impedem o entendimento do enunciado.

O uso recorrente de “pq”, nesse caso 3 vezes seguidas, além de atender ao limite de 280 caracteres que a plataforma disponibiliza para um tuíte, vai consolidando o seu uso no ambiente virtual, mais estritamente nas redes sociais. Mais que isso: o enunciador vai lançando mão de recursos discursivos que modificam o uso da língua escrita, ao mesmo tempo em que vai acomodando estas novas formas na linguagem informal, seja oral ou não.

[21] Estamos considerando os usos de enunciados informais. Nos textos formais, é comum uso normativo da referida conjunção, embora seja preciso levar em conta o efeito de sentido pretendido. Por exemplo, uma empresa entrando em contato com um cliente, pode utilizar o termo abreviado para indicar proximidade.

Figura 13

A Figura 13 é um comentário acerca de uma postagem do Exército Brasileiro. O fato de vir com marcador de perfil verificado, podemos dizer que se trata do perfil oficial do Exército Brasileiro.

No tuíte do Exército, vem a informação de uma homenagem feita a um major alemão. Na postagem do jornalista, observamos um discurso em que reitera a informação do Exército, porém com críticas à homenagem, como pode observada pelo uso do adjetivo “nazista” para se referir ao major.

Além disso, observamos que o enunciador salienta a informação tuitada pelo Exército e encerra com um “lamentável”, enfatizando a discordância do enunciador com a homenagem feita.

Chama a atenção também o volume de interação com esse tuíte, pois, com mais de mil comentários, quase cinco mil compartilhamentos e mais de vinte mil curtidas, podemos dizer que o tema gerou muitas reações de boa parte dos perfis que viram o posicionamento do jornalista.

Diante disso, torna-se mais nítido que os assuntos de política têm um maior engajamento dos seguidores do jornalista. Isso pode se dar pelo fato de o profissional ser um comentarista de política nacional e internacional, o que atrai usuários que buscam este perfil de usuário do *Twitter*.

Quanto à cenografia, esta legitima o discurso produzido, pois o conteúdo está atrelando o ofício do enunciador a um tema que dialoga formalmente com o papel de jornalista e comentarista político, ainda que o discurso esteja atravessado pela ideologia presente em toda ação discursiva. O fato de o enunciador se apresentar como mestre em relações internacionais e comentarista de veículos de notícias, mesmo que de um mesmo grupo empresarial, possibilita que ele tenha reconhecimento em suas postagens, o que não impede, nem deveria, que estas não sejam refutadas.

Figura 14

A Figura 14 é uma resposta ao perfil @FortalezaEC, mas que não podemos afirmar ser a oficial do clube, por não apresentar o ícone de verificado. De todo modo, o marcador de resposta e o discurso produzido pelo enunciador permitem inferir que é uma situação de diálogo em curso.

Ainda assim, podemos arriscar dizer que se refere ao discurso da Figura 11, em que o enunciador menciona a camisa de um clube cearense[22] e diz ao seu interlocutor que ele sabe qual é, mas o próprio enunciador não nomina o clube.

Quanto à composição desse enunciado, é possível observar que o uso de três pontos de exclamação ao final do primeiro período demonstra um entusiasmo do enunciador, inclusive por ser antecedido pelo termo “honra”. Este entusiasmo é reforçado a seguir no enunciado “Vou enviar agora mesmo”, em que observamos uma

[22] Fortaleza Esporte Clube é um clube de futebol do estado Ceará, que tem o nome da capital do estado como nome fantasia.

ação verbal seguida um advérbio de tempo que denota imediatismo, atendendo ao sentimento expressado no discurso.

No que diz respeito à cena genérica, é possível notar que temos “papéis entre parceiros” (MAINGUNEAU, 2015, p. 121) ao observamos que o tom discursivo passa de formal de um jornalista para uma pessoa comum, à medida que pode ser observada demonstração de euforia entre o produtor do enunciado e o destinatário deste discurso.

Portanto, a cenografia observada legitima o enunciado produzido na relação entre os interlocutores, ainda que estes sejam dois, mas cujas interlocuções estão expostas para os demais perfis poderem observar e, pelas interações, de certa forma serem agentes também desse discurso.

Importante considerar, também, que os discursos produzidos sobre política internacional até o presente momento sempre estão relacionados aos Estados Unidos ou ao Oriente Médio. Estas escolhas não são aleatórias, tampouco coincidentes, mas a presença das bandeiras dos Estados Unidos e do Líbano no perfil do enunciador apontam para uma escolha destes temas.

Figura 15

Na Figura 15, vemos uma imagem do aiatolá Ali Khamenei, líder supremo do Irã, país teocrático, cuja legenda é chamada para um artigo em um *blog*[23] que o enunciador mantém no jornal O Globo. O artigo é sobre as relações bélicas entre Estados Unidos e Irã.

Neste tuíte, temos o diálogo entre o enunciado produzido especificamente para o tuíte, mas que dialoga com o da chamada para o texto publicado no jornal[24]. Vale notar que o assunto e o autor dos discursos é o mesmo enunciador, porém no tuíte já encontrarmos seu posicionamento sobre o tema ao afirmar que "O acordo nuclear deve entrar em colapso", que ele discorrerá mais amiúde no artigo do *blog.*

Nessa cenografia, observamos que o enunciador se vale de um texto também digital e traz para o *Twitter* para dialogar com o gênero tuíte. Esse movimento do enunciador corrobora a noção apresentada por Maingueneau (2011), de que o gênero discursivo pode ser alterado pela modificação mídium, ou seja, um mesmo assunto tratado no *Twitter* será discutido no *blog*, como atendendo às especificidades de outro gênero discursivo, no segundo caso, um artigo de opinião. Por conta dessa alteração de mídium, destacando que o *blog* não tem o limitador de caracteres como no *Twitter,* sendo, portanto, mais analítico, inferimos que o enunciador destaca no tuíte apenas palavras-chave em sua produção discursiva.

Observamos também que essa postagem, embora trate de política internacional, não teve tantas interações como as apresentadas anteriormente. Nesse tuíte encontramos 47 comentários, 32 compartilhamentos e 419 curtidas. Não é possível, no entanto, afirmar o motivo desta redução de interação.

---

[23] Há uma discussão interessante e aprofundada sobre o conceito de *Blog* na obra Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação, organizado por Adriana Amaral, Raquel Recuero e Montardo (Momento Editorial, 2009), em que é possível verificar que há muitas vertentes para definir o termo. Por isso ficaremos com o conceito geral apresentado pelas autoras como "presença de textos organizados por ordem cronológica reversa, datados e atualizados com alguma frequência" (AMARAL; RECUERO e MONTARDO, 2009, p. 30).

[24] A este fenômeno de dois ou mais textos utilizados numa formação discursiva chamamos de intertexto. Por não ser objeto de nossos estudos, não nos ateremos a essa discussão, mas para aprofundamento sugerimos Koch; Bentes; Cavalcante (2007).

Figura 16

A Figura 16 retoma a postagem da Figura 13, sobre a homenagem do Exército Brasileiro a um major alemão. O enunciador inicia o tuíte informando que se trata de um esclarecimento do Exército sobre o tema, mas não emite nenhum juízo de valor sobre o assunto, reforçando a posição de jornalista frente a um fato ou discurso de outrem. Além disso, encontramos nesse tuíte também a mensagem “Mostrar sequência”, o que não permite observarmos se o perfil do Exército interagiu diretamente com o tuíte do jornalista ou não.

De todo modo, a interação neste tuíte é bem menor em relação ao anterior sobre o assunto, uma vez que este ficou na casa das dezenas nos comentários e compartilhamentos e pouco mais de 100 nas curtidas, ao passo que na outra postagem, estas interações ficaram na casa dos milhares.

Considerando a dinamicidade da internet e observando que a data desta postagem se deu no dia seguinte à anterior, chamou a atenção o baixo número de interações, embora continuasse no mesmo assunto tratado.

Figura 17

A Figura 17 é um posicionamento do enunciador acerca de uma postagem da *BBC News*, importante jornal britânico, cujo enunciado “Esposa de governante de Dubai no Reino Unido ‘teme por sua vida’ após fugir do marido”[25] é uma chamada para uma reportagem deste periódico sobre o assunto.

Vale destacar que na composição desse tuíte temos, ao final da frase em inglês, um *link* que direciona o leitor à página virtual do jornal para que a notícia possa ser lida na íntegra. Esse recurso é comum no *Twitter,* podendo ser utilizado com caracteres específicos da internet, como é este caso, ou outros recursos, por meio de imagens ou apenas o *link* do jornal, por exemplo.

No discurso produzido, podemos notar apontamentos sobre o regime político de Dubai, com algumas características daquele regime de governo. O enunciador tece comentários sobre uma das esposas do sheik árabe que se encontra foragida no Reino Unido e o modo de vida de outras que permanecem em seu país de origem, ampliando brevemente o enunciado para o tratamento dispensado às mulheres daquele país dos Emirados Árabes.

O enunciador não aprofunda a análise em razão da limitação do número de caracteres do *Twitter.* Em se tratando de um perfil de notícia ou de um jornalista, como é no caso deste trabalho, esta redução da extensão do enunciado mensagem faz com que o autor escolha com maior precisão os termos que irá empregar para construir seu discurso. Por outro lado, o leitor tem uma noção rasa do assunto, mas caso se interesse, pode procurar em outras fontes com detalhes maiores do que os do discurso recebido, quando não há o *link* no próprio tuíte.

[25] Tradução minha para “Dubai ruler’s wife in UK ‘in fear of her life’ after fleeing her husband.

Com isso, por não ter a característica de textos escritos longos ou pormenorizados, em parte o *Twitter* funciona como uma espécie de manchete de notícia ou breve sinopse, para que o leitor possa ter um apanhado geral do que está sendo dito.

Com relação à cena genérica dessa postagem, o autor utiliza um discurso do gênero jornalístico, produzido no mesmo mídium ao qual tem familiaridade, para tecer um novo discurso, mais uma vez se valendo de sua experiência como correspondente ao tratar desse assunto.

Não obstante faça uma análise abordando um regime de governo autocrata e o lugar conferido às esposas deste governante, este tuíte não teve tantas interações quanto as observadas nas Figuras 07 e 08, que estão ligados a regime de governo próximo naquela região. Pode ser que esta diferença se dê em razão de que a relação entre Brasil e aqueles países despertar mais interesse nos seguidores do jornalista do que as situações de vida às que as esposas do sheik são submetidas, que é um assunto mais interno de Dubai e que, por esta razão, não interfere na política externa brasileira.

Figura 18

Na Figura 18 temos uma cenografia de conversa informal, uma vez que o discurso aí produzido é uma resposta ao perfil @SporTV, canal de esportes pertencente ao Grupo Globo, mesmo grupo de trabalho do jornalista. Por esta razão, podemos dizer os interlocutores sejam colegas de trabalho, mas não se trata de uma cenografia jornalística, porque o enunciado produzido não remete à especialidade do jornalista.

Ainda que o canal SporTV seja direcionado a esportes, sua programação também conta com programas jornalísticos, mas direcionados para interessados em esportes, embora não haja nenhuma restrição de acesso e interação por perfis

diversos, que é também uma das características das redes sociais. O uso do hífen na sentença “Brasil-Argentina” realça o assunto do tuíte e dos posicionamentos assumidos, uma vez que se trata da histórica rivalidade no futebol entre estas duas seleções sul-americanas.

Podemos observar que o discurso produzido tem um caráter informal à medida que o enunciador vai emitindo opiniões sobre o tema, divergindo dos seus interlocutores. O fato de o tuíte indicar uma resposta a outro perfil e iniciar com a expressão “Com todo respeito”, indica que haverá divergência de pontos de vista.

O uso do advérbio “obviamente” e do adjetivo “gênio” evidenciam o posicionamento do enunciador em relação ao jogador Diego Maradona, jogador de futebol argentino e ponto central dos discursos. Ao trazer nomes de jogadores brasileiros, como Zico, São Marcos[26] e Gilmar, o enunciador retoma o início do discurso, em que está tratando das seleções do Brasil e da Argentina.

Observamos, portanto, que estas construções discursivas presentes no *Twitter*, como limitação de caracteres de escrita, respostas a outros perfis, abreviações e fusão de formalidades e informalidades, vão consolidando o tuíte como gênero discursivo.

Figura 19

A Figura 19 traz uma resposta a dois perfis: @_leonardocs e @SporTV. O discurso produzido indica um questionamento ao enunciador, uma vez que ele inicia o discurso com o advérbio “sim” e em seguida tece um enunciado como que uma justificativa para a afirmação inicial.

Não encontramos nesse tuíte a pergunta formulada ou alguma especificidade do assunto tratado, porém podemos inferir que retoma o tema de futebol, pois, além de ser uma resposta ao canal de esportes, também utiliza o termo “Copa” em letra

[26] Alcunha do ex-goleiro Marcos, que também passou pela seleção brasileira.

maiúscula, indicando que se trata da Copa do Mundo de Futebol. Além disso, podemos deduzir que o pronome “que” refere-se ao jogador argentino Diego Maradona, pois as características elencadas – ganhar uma Copa sozinho e marcar o gol mais bonito de todos os tempos – são atribuídas a este jogador.

Quanto à cenografia apresentada, observamos que se trata de um discurso de curta extensão, dentro de uma cena englobante em que os destinatários estão explícitos. Contudo, nesse caso, por ser dirigida a dois perfis diferentes, sendo um de um nome comum e outro de um canal televisivo, o enunciador se inscreve em dois papéis: como um jornalista falando aos seus pares sobre um assunto que estes trabalham, mas se inscreve como um indivíduo, sem um papel social relevante na construção do discurso, o que o remete a uma opinião muito mais que a uma análise.

Figura 20

A Figura 20 contém uma ironia ao trazer o adjetivo “bonita” entre aspas para caracterizar a gravata de Paulo Guedes, Ministro da Economia do Brasil no ano de 2019. O *emoji* ao final do tuíte reforça o caráter irônico, numa articulação entre texto verbal e texto não verbal presente nesse tuíte. Os recursos utilizados na produção deste enunciado nos levam a perceber uma cenografia de ordem informal, pois o objeto discursivo, Ministro Paulo Guedes, poderia ser o tema do enunciado, uma vez que na data de publicação do tuíte era Ministro da Economia do Brasil e, portanto, personagem de falas do jornalista.

A construção desse discurso nos aponta para o papel do enunciador, que não se restringe à sua profissão, mas ao trânsito entre seus diferentes papéis sociais, como profissional, pai de família ou cidadão, por exemplo. Esta inscrição em diferentes papéis a partir do contexto de produção discursiva contribui para consolidar tuíte como gênero discursivo, em que a flexibilidade de assuntos e objetivos são tratados num mesmo mídium, pelos mesmos atores, mas com papéis distintos.

Observamos que os assuntos relacionados até aqui são mais comentários que análises, de modo que não temos um número expressivo de interações. Como

podemos observar, em termos de comentários, tivemos 136 na Figura 18, 36 na Figura 19 e nesta figura, 59. Os retuítes também variam bastante, com 21, 07 e 14 respectivamente. Inclusive as curtidas vão diminuído gradativamente, de 1 mil na Figura 18 para 498 na Figura 19, chegando a 266 na Figura 20.

Isso nos diz que as interações sobre um mesmo assunto ocorrem, mas não têm o mesmo fôlego para se manter repetidamente na interação entre os usuários.

Figura 21

A Figura 21 traz um enunciado informativo acerca de um gol marcado pelo jogador Gabriel Jesus. A afirmação, apenas pelo tuíte, de que o jogador é da Seleção Brasileira se dá em razão do número de bandeiras do Brasil que o enunciador acrescenta ao final do discurso. Além disso, o número expressivo de pontos de exclamação utilizado permite constatar que o enunciado expressa uma emoção do enunciador.

Ademais, o adjetivo “palmeirense” utilizado antes do nome do jogador corrobora que o atleta pertence a um clube esportivo do Brasil e que somente jogadores natos ou naturalizados pode fazer parte da seleção de seu país.

Quanto à cena englobante, vemos um discurso esportivo cujo autor exerce o papel de torcedor e não de jornalista. Isto nos diz que a cenografia aqui presente se dá em direção a um destinatário que aprecie ou conheça o esporte, e o nome do clube destaca a rivalidade própria dos clubes esportivos, ao mesmo tempo em que as bandeiras do Brasil colocadas ao final do tuíte destacam que naquele momento o jogador está atuando pela seleção brasileira e não para um clube específico.

Figura 22

A Figura 22 é uma resposta ao perfil @Cia926215161. Por se tratar de um nome incomum para usuário, há grande probabilidade de ser um robô[27], que responde automaticamente a mensagens. Nesse tuíte, o enunciador tece um comentário que afirma se tratar de um robô e por isso ele não faz uma resposta direta ao enunciado, mas apresenta um anseio sobre a evolução dos robôs, ainda que de forma irônica.

Figura 23

O enunciador retoma o futebol argentino na Figura 23. Observamos que é um enunciado com um número significativo de caracteres, mas não incompleto. Inferimos que a extensão deste discurso seja pelo elenco de jogadores informados na análise.

Ao contrário dos tuítes anteriores sobre futebol, este teve um expressivo número de interações, o que demonstra como os interlocutores do assunto se manifestam quando aparecem nomes de jogadores conhecidos. Nessa postagem, tivemos 598 comentários, 115 compartilhamentos e 3,4 mil curtidas.

Figura 24

[27] Na internet, também são chamados de Bot. “Na prática, bots são como programas de computador criados para rodar pela Internet realizando tarefas repetitivas e automatizadas. (...)Há ainda bots para encontrar *sites* vulneráveis a ataques, bots sociais e até bots capazes de apresentar *sites* falsos a usuários desatentos - espalhando as famosas fake news.” Disponível em https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-bot-conheca-os-robos-que-estao-dominando-a-internet.ghtml Acesso em 06 de set de 2020.

No tuíte seguinte, o autor mantém o assunto sobre futebol. Por esta postagem, inferimos que estava ocorrendo uma partida entre as seleções de Brasil e Argentina, o que justificaria a sequência de postagens sobre o tema. No caso da Figura 24, observamos que o enunciador informa o resultado do jogo e faz referência às seleções de Brasil e Argentina no passado, tendo a resposta enunciativa com 86 comentários, 52 retuítes e 1,5 mil curtidas.

Vale notar que ao final da postagem, o autor utiliza como ícone as bandeiras de Brasil e Argentina para reforçar o desejo de ver as duas seleções jogando novamente, mas numa Copa do Mundo. O fato de estas bandeiras estarem isoladas ao final do tuíte e não junto a outras, como próximo ao nome do enunciador, reforça esse discurso.

Maingueneau (2015, p. 123) afirma que “uma cenografia só se desenvolve plenamente se o locutor puder controlar se desenvolvimento”. Embora num ou noutro tuíte apareça um interlocutor explícito, os discursos produzidos estão no controle do autor, pois estes sempre mantêm seu ponto de vista, mas não encontramos divulgação das respostas que recebe, embora o número de interação seja visível.

Figura 25

Na Figura 28, o autor tece um último comentário sobre a seleção argentina e a Copa do Mundo em 2022.

Destacamos nesse tuíte a expressão “Mostrar esta sequência”. Ao considerarmos a restrição do número de caracteres para um tuíte e o número em sequência de enunciados sobre o assunto, entendemos que o autor se utiliza de vários tuítes para desenvolver seu raciocínio. Contudo, vale notar que em cada tuíte há alteração no número de interações pelos comentários, compartilhamentos e curtidas, de modo que cada tuíte funciona isoladamente.

Embora não seja difícil encontrar postagens em que o autor utilize o sinal de mais (+) no final do tuíte para informar que aquela postagem continua na sequência, o nosso sujeito de pesquisa não utiliza esse recurso nessa ocasião, mas se observarmos a data da postagem para contextualização de acontecimentos, o tuíte de forma isolada é passível de entendimento pelo leitor.

Queremos destacar também a variação de opção dos interlocutores pelas formas de interação. Por exemplo, na Figura 06 nós temos metade de comentários em relação ao compartilhamento (2,6 mil deste ante 1,3 mil daquele), ao passo que nas postagens sobre futebol temos mais comentários que compartilhamentos. Para ilustrar, na Figura 25 são 687 comentários e apenas 59 compartilhamentos.

Isso nos levar a deduzir que o funcionamento do *Twitter* permite as interações entre os usuários, mas o modo com que isso ocorre varia de acordo com o assunto que está sendo tratado.

Figura 26

Na Figura 26, observamos uma mudança de assunto, mas vale notar também que temos agora uma postagem com data do dia seguinte à partida de futebol comentada anteriormente pelo autor. Isto nos mostra que, como os jornais, o *Twitter* também acompanha os acontecimentos do quotidiano, embora nada impeça que se retome assuntos ou fatos passados. Contudo, a dinamicidade da internet não abre muito espaço para retorno de fatos muito distantes no tempo, exceto quando um acontecimento presente é reflexo de outro desse passado mais longínquo.

Nesta figura, observamos um diálogo entre o discurso produzido e um fragmento de outro texto. Na construção desse discurso, observamos que o autor faz referência a uma apostila de curso de diplomatas, o que nos leva a crer que a imagem apresentada seja um fac-símile da apostila.

Podemos observar, também, que abaixo da imagem há um *link* para outro *site,* onde se vai discorrer com mais detalhes sobre o assunto.

Sobre o discurso, notamos que o autor apresenta o assunto, sem emitir qualquer juízo de valor. Na sequência, porém, essa aparente imparcialidade é quebrada pelo uso do advérbio “Honestamente”, que leva o discurso para a pessoalidade do enunciador. Com isso, podemos observar que a cenografia vai legitimando o enunciado à medida que a presença de dois gêneros discursivos, notícia e comentário, aparecem num mesmo tuíte, sem causar estranheza ao leitor, porque este fenômeno é permitido nesse espaço.

Assim, nós temos neste tuíte uma notícia, um comentário e um texto trazido de fora do discurso suporte para validar o enunciado produzido pelo jornalista, mas que também se vale da posição de comentarista para emitir uma opinião pessoal sobre o tema apresentado.

Destacamos também que neste tuíte, que tivemos 154 comentários e igual número de compartilhamentos, mas não podemos afirmar que foram os mesmos usuários que interagiram da mesma forma. Tivemos, ainda, 891 curtidas.

Figura 27

Na Figura 27, o autor retoma o assunto futebol, com marcação de tempo bem definida no início do enunciado: “Escrevi ontem”. Aqui vemos um caso em que o *Twitter* permite a retomada de um assunto pretérito, mas que não seja relativamente antigo. Como a postagem a que o autor se refere ocorreu no dia anterior a esta, o assunto pode ser retomado sem ser considerado ultrapassado.

Quanto à estrutura, este tuíte faz referência a um outro perfil, mas não é informado se o que foi dito se deu por meio também do *Twitter* ou por outro meio[28]. Além disso, o autor inicia a postagem retomando uma postagem anterior, mas dizendo que foi “em tom de brincadeira”. O uso da conjunção “mas” logo a seguir, reforçada pela expressão “falando sério”, apresenta a transição para uma postura mais analítica e menos passional do assunto.

Embora o uso da conjunção “mas” traga consigo também nesse enunciado o sentido adversativo, o uso da expressão “falando sério” denota a ênfase que o autor quer dar ao seu discurso. Talvez o autor optasse por apenas uma das formas caso quisesse tratar mais pormenorizadamente do assunto por questões de limitação de caracteres, contudo o aposto utilizado sugere um desejo de persuasão do interlocutor acerca de sua opinião.

É preciso acrescentar que o enunciado “falando sério” também dá um tom informal à postagem, embora o autor esteja, nesse tuíte, transitando entre opinião pessoal e observação de cunho jornalístico. Encontramos, portanto, um discurso em

[28] A menção a uma pessoa ou empresa pode ser feita pelo nome ou pelo perfil que ela possui no *Twitter*. Contudo, um comentário, por exemplo, numa entrevista na televisão pode ser comentada nesta rede social sem mencionar o nome da pessoa, mas utilizando o nome do perfil. Da mesma forma, pode-se fazer referências a empresas não pelo nome fantasia, mas pelo de usuário do *Twitter*.

que o enunciador troca de papel, não como interlocutor, mas como produtor de um discurso que vai se moldando ao gênero em razão da cenografia que o legitima.

Por fim, o fato de termos 88 comentários e apenas 7 retuítes informa que o tema é provocativo, principalmente quando o enunciador traz comparações entre seleções. As 374 curtidas permitem inferir que o assunto é observado de perto por outros usuários, mas que, como os números têm demonstrado, preferem não se manifestar explicitamente.

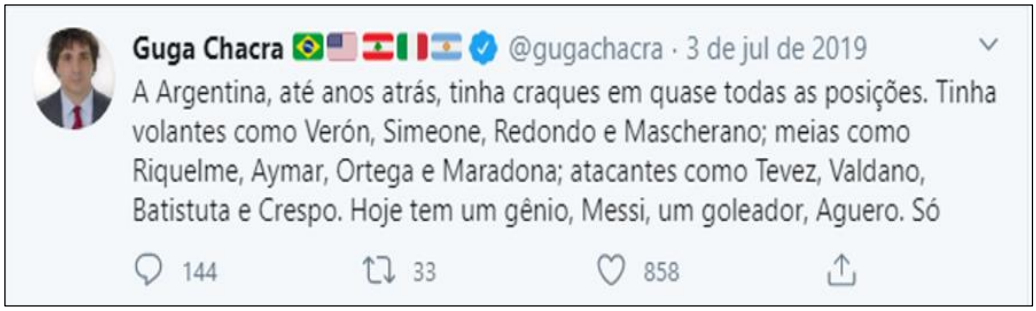

Figura 28

Nesta figura, é mantido o tema discursivo, mas se atendo mais à seleção argentina. Como dito na apresentação desse autor, ele possui uma admiração pelo futebol argentino, razão pela qual a bandeira desse país está próxima ao seu nome de usuário.

Nesse tuíte, como o da Figura 23, ele elenca uma série de nomes de jogadores da seleção argentina, comparando-os em diferentes épocas. Essa construção é interessante nessa análise, porque o autor é objetivo na descrição das características dos jogadores. Isso se dá, talvez, em razão do limite de 280 caracteres permitidos pelo *Twitter* e faz com que o interlocutor tenha uma visão ampla em apenas um tuíte, de modo a interagir com o enunciador, como podemos observar na diferença de interação, com 144 comentários e apenas 33 compartilhamentos[29].

[29] Não estamos discutindo as curtidas, porque estas sempre são em número mais elevado que as demais. As curtidas dão a medida de leitura dos tuítes sem que os interlocutores precisem opinar sobre eles ou compartilhá-los e, de alguma forma, dar a entender que concordam com o autor do tuíte.

Figura 29

O tuíte da Figura 29 é uma resposta a um perfil pessoal e a um perfil de um *site,* respectivamente. Nele, o enunciador utiliza o termo “vc”, que denota a linguagem informal própria das redes sociais e que é utilizada quando dirigida a alguém conhecida, apontando para uma proximidade na relação interpessoal ou profissional (ou ambas) entre de interlocutores.

O assunto tratado mantém-se no futebol, porém o discurso tem um caráter mais afetivo, com um tom pessoal do autor no uso do pronome “vc”, como mencionado, mas também no enunciado “Nunca vou esquecer”, trazendo para o tuíte não a posição de jornalista, mas de um discurso pessoal, resgatando elementos de sua memória afetiva.

Este enunciado, portanto, aponta para uma utilização do *Twitter* também como fonte de interlocução pessoal entre os usuários e não apenas de assuntos gerais ou formais, mas também de enunciados dirigidos a destinatários específicos e que podem, mesmo de ordem pessoal, ser lido por quaisquer usuários da rede social. Prova disso é que 38 usuários comentaram a postagem, 18 compartilharam e 269 curtiram este tuíte.

Figura 30

A Figura 30 apresenta um tuíte em que o autor se mantém no tema de futebol, porém desloca sua atenção para a Copa da África, tecendo um elogio à seleção de

Madagascar, país africano. O uso do termo “Formidável” apontava para um enunciador que emitiria juízo de valor em seu discurso. Porém, as escolhas lexicais seguintes são mais amenas e visam mais a informar a campanha daquela seleção na Copa mencionada.

Observamos que, em comparação às postagens sobre o futebol sul-americano, esta teve poucas interações, dando a entender que este tuíte não despertou muito interesse dos seus interlocutores.

Em certa medida, isso nos diz que, embora os temas possam ser parecidos, as interações sempre ocorrerão não pela postagem do enunciador, mas pelo interesse dos perfis que o seguem no *Twitter.*

É o que podemos observar na Figura 31, última postagem coletada desse autor para nossa análise, em que ele retoma o futebol argentino, ainda que trazendo para o discurso outras modalidades esportivas, mas observamos um número muito mais elevado de interações se comparado à Figura 30.

Figura 31

Nesta postagem, o enunciador apresenta um discurso em defesa da Argentina no que diz respeito a títulos esportivos em diferentes modalidades, iniciando com o advérbio “Sempre”, que já prepara o interlocutor para um dado de pouca contestação.

Não podemos comprovar se este tuíte foi contestado ou não, embora tenha tido 390 comentários, os quais não acessamos. Tivemos ainda 52 retuítes e 1,5 mil curtidas.

Observando o conjunto de postagens do jornalista Guga Chacra, entre os dias 01 e 03 de julho de 2019, pudemos dividir os tuítes em 3 categorias: discurso na esfera jornalística, com 54882 interações; discurso de ordem pessoal, com 532 interações; e postagens sobre esporte, com 16993 interações.

Estes números são importantes para observarmos o modo como as pessoas agem no *Twitter,* manifestando opiniões diversas sobre assuntos variados, mesmo que sejam temas privados, mas que o usuário decidiu tornar públicos.

Ao mesmo em que vemos mudanças no uso da língua verbal para atender às limitações do *Twitter*, os enunciados são perfeitamente compreensíveis, de modo que não atrapalham o entendimento das mensagens. As abreviações aqui observadas são uma característica do gênero tuíte, mas que se encontram também em outras redes sociais, fruto da necessidade de produzir discursos sucintos, mas que permitem a compreensão dos interlocutores.

Além disso, considerando mais de 500 interações nos discursos de ordem pessoal, vemos que os discursos privados não são desconsiderados, mas acreditamos que o fato de o sujeito pesquisado ser jornalista, e se apresentar como tal em sua bio, espera-se dele discursos nesta esfera, o que fica comprovado pelo número de interações nos enunciados de caráter noticioso ou mesmo no de esportes, mas que contêm traços de análise própria de profissionais da imprensa.

3.2.2. Padre Fábio de Melo

Concluídas a análises do primeiro perfil, passemos às postagens do segundo sujeito pesquisado. Padre católico e sempre presente nas redes sociais, os tuítes do Padre Fábio de Melo foram coletados no mesmo período que os do jornalista Guga Chacra.

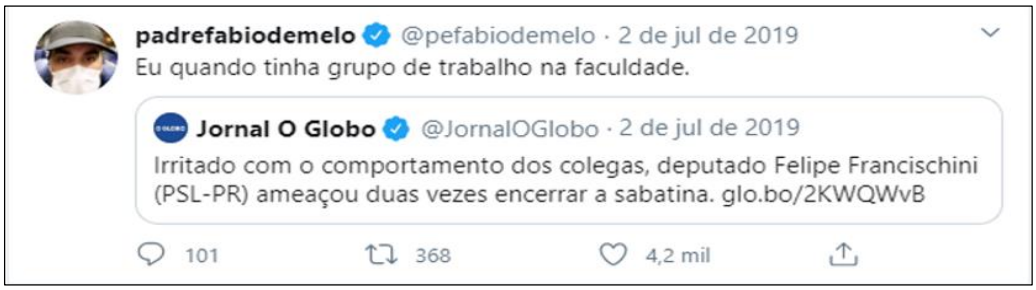

Figura 32

Na Figura 32 observamos interação com uma postagem do periódico O Globo. O enunciador busca o humor, colocando o discurso num outro contexto de produção daquele informado pelo tuíte do jornal.

A partir dessa observação, queremos chamar a atenção para a importação de uma outra cena enunciativa (trivialidade de sala de aula) para dialogar com uma notícia de jornal[30]. O fato de o enunciador trazer apenas a manchete para a construção do enunciado, embora seja possível ver o *link* para a notícia completa no *site* do periódico, permite dizer que um fragmento de outro discurso permite a construção de uma cenografia, porque o excerto trazido é o elemento necessário que o autor precisa para produzir seu discurso.

Interessante notar também que um enunciado relativamente pequeno, com poucos caracteres, teve uma considerável interação, sobretudo se considerarmos que se tratava de um enunciado com objetivo humorístico. Ainda assim, temos 101 comentários, 368 compartilhamentos e 4,2 mil curtidas. Esta diferença de interação permite dizer que os seguidores deste sujeito de pesquisa têm interesses diferentes aos do jornalista.

Figura 33

[30] Ver nota de rodapé número 24.

A Figura 33 é a captura de uma imagem em que, no aparelho eletrônico, pode ser visto um veículo em movimento num lugar com pouco espaço para tanto. Esta descrição é necessária para que se possa compreender o discurso construído pelo religioso.

Nesse tuíte, o texto imagético apresenta uma espécie de marcador temporal e o número de visualizações no canto inferior esquerdo da imagem, o que nos leva a crer tratar-se de um vídeo. De toda sorte, observamos um texto em primeira pessoa do singular com uma afirmação que é exemplificada pelo texto imagético.

Os recursos utilizados na construção deste tuíte no mostram diferentes mídiuns na construção do gênero, uma vez que num mídium impresso muito se perde de um texto, que o entendimento considera todas as nuanças do mídium e que abarcam um gênero discursivo. Por outro lado, restringindo ao *Twitter*, há a possibilidade de interação entre diferentes esferas textuais, de modo que altera os elementos que formam um gênero discursivo (MAINGUENEAU, 2015).

Destacamos que também neste tuíte houve uma significativa interação dos perfis que seguem o do religioso, com 787 comentários, 5500 retuítes e 27900 curtidas. Estes números chamam a atenção porque, como observado, o autor utiliza o *Twitter* para discursos triviais, com traços de humor, quando num primeiro momento poderíamos pensar na hipótese de que seriam apenas discursos de contexto religioso.

Figura 34

A Figura 34 apresenta um enunciado de curta extensão, em que não observamos os recursos de abreviação para se adaptar ao número de caracteres permitido, porém este fator não afeta a sua inteligibilidade.

A partir dos termos “mesmo” e “já”, infere-se que o enunciador tece uma crítica à criação de grupos no *WhatsApp*[31], por razões que podem ser consideradas banais

[31] O *WhatsApp* é um aplicativo de mensagens instantâneas. Segundo o *site* do aplicativo, o “*WhatsApp* surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: textos, fotos, vídeos, documentos e localização, além de chamadas de voz. Nossas mensagens e chamadas são protegidas com a criptografia de ponta a ponta, o que significa que terceiros, incluindo o *WhatsApp*, não podem ler nem ouvi-las”

ou desnecessárias, como “chiclete de tutti frutti”. Observamos que neste curto discurso temos um número de interação expressiva, com quase 500 perfis comentando a postagem e 2,5 mil compartilhando o enunciado.

Este fato chama a atenção porque nos leva a crer que o tuíte afeta quem lê não pela extensão ou análise formal do conteúdo, mas pelo perfil do usuário ou o que ele busca ao fazer parte desta rede social. Além disso, as postagens deste autor até aqui analisadas têm as curtidas sempre na casa dos milhares, o que demonstra o número de seguidores que interage muitas vezes apenas acenando para uma leitura do enunciado.

Consideramos ainda que estas interações ocorrem por enunciados em que o autor se estabelece como um homem comum e não como líder religioso, dada a representação social que subjaz à figura de um padre e que poderia ser um dos fatores que fazem com que ele tenha mais de 8 milhões de seguidores no *Twitter.*

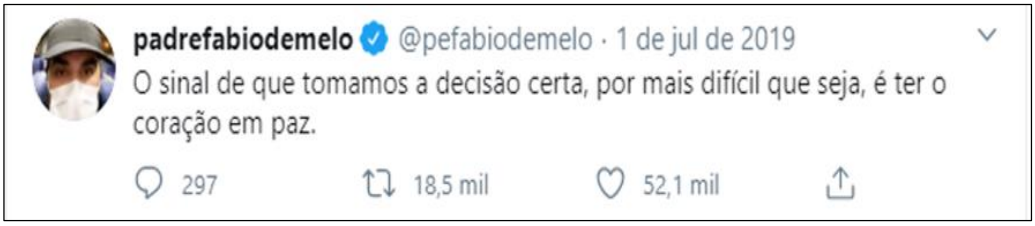

Figura 35

O discurso apresentado na Figura 35 tem um tom mais formal, numa espécie de aconselhamento. Neste enunciado, o autor pode ser visto sob a representação social que gera expectativas em pessoas que veem o enunciador mais como líder religioso e menos como um homem comum, embora o enunciado não apresente nenhuma menção explicitamente religiosa.

Observamos também que o discurso é composto por uma frase relativamente curta, não tendo nenhuma dificuldade de construção, ao menos como se apresenta, em atender ao limite de caracteres do *Twitter.* Talvez, por esta razão é que não encontramos mudanças de escrita, como abreviações ou uso de *emojis* para construção desse enunciado.

(https://www.whatsapp.com/about/). Importa dizer também que o *WhatsApp* permite a criação de grupos para compartilharem mensagens de mesmo interesse e nos quais são inseridas pessoas, conhecidas ou não, a depender do objetivo do grupo ou de seu administrador.

Vale destacar que, em relação à cena englobante, esse tuíte se aproxima do autor como líder religioso, uma vez que o discurso produzido está na esfera do aconselhamento ou reflexão, embora o destinatário não tenha que ser, necessariamente, católico. Além disso, vemos uma interação bastante significativa, dada a extensão do tuíte.

A partir dessa constatação, vamos observando uma certa regularidade de construção nos discursos, o que evidencia que o tuíte abarca também a forma de escrita sem necessidade de adequações na estrutura das palavras ou outros recursos que possam substituir a escrita para construir o enunciado.

Quanto à interação, a postagem da Figura 35 ultrapassa as até aqui analisadas em número total de interações, com 297 comentários, 18,5 mil retuítes e 52100 curtidas. A título de exemplo, são quase 10 mil compartilhamentos a mais que os somados das figuras 32, 33 e 24.

Este dado nos leva a inferir que as postagens de cunho reflexivo, seja no campo da filosofia, psicologia ou religião, atrai maior atenção dos seguidores do padre no *Twitter*, dando uma dimensão melhor do alcance de suas postagens. Para entender esses elevados números, precisam ser considerados também os mais de 8 milhões de seguidores que o religioso possui no *Twitter*.

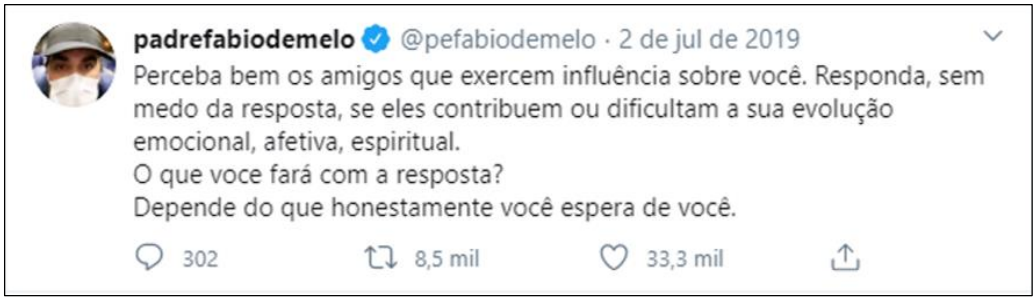

Figura 36

A Figura 36 aponta para um diálogo direto com o interlocutor ao iniciar com o uso de verbos no imperativo e o uso do pronome você, dirigindo-se ao leitor. Embora este tuíte esteja dentro dos 280 caracteres permitidos pelo *Twitter,* ele destoa estilisticamente dos demais construídos pelo religioso, que costuma construir enunciados menores.

Entretanto, observamos que mantém uma escrita que atende ao estabelecido pela norma-padrão da Língua Portuguesa, com o uso de acentuação gráfica,

pontuação e a ausência da abreviação de palavras – note que aparecem quatro ocorrências do pronome você, que comumente é abreviado em “vc” nas redes sociais, inclusive o *Twitter*, mas que aqui aparecem por extenso em todas elas.

Esta constatação reforça nosso postulado de que o autor opta pelo uso em tom formal, o que de alguma maneira o alinha mais à imagem de líder religioso, escritor e outros papéis sociais que ele exerce. Reiteramos que estas escolhas são feitas sempre considerando o gênero tuíte, dando ao autor a possibilidade de reduzir o número de caracteres e ampliar o enunciado ou manter a escrita sem modificações, sendo mais sucinto e objetivo num único tuíte ou utilizando mais de um tuíte para materializar um discurso.

Além disso, essa postagem ratifica a análise da figura anterior ao observamos a expressividade de interação entre o religioso e demais usuários: 302 comentários, 8500 retuítes e 33300 curtidas.

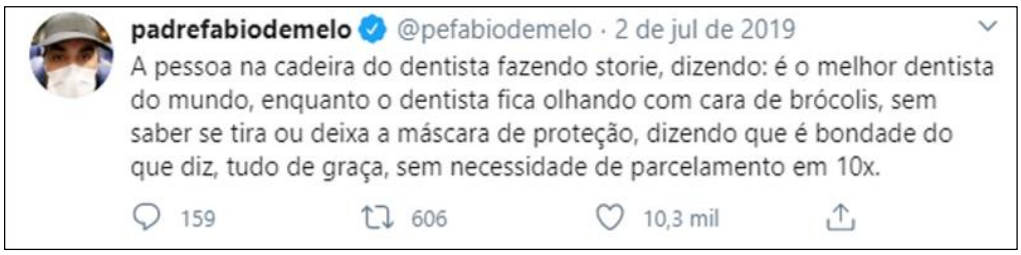

Figura 37

O discurso produzido na Figura 37 retoma o objetivo de provocar o humor. Nesse tuíte, há o uso de um substantivo que ganha popularidade com o crescimento das redes sociais, o “*storie*[32]*”,* que é uma palavra nova em uso na Língua Portuguesa do Brasil. Mas o uso do termo é apenas para construir o discurso, partindo do princípio de que quem usa as redes sociais tem familiaridade com esta palavra.

Essa variação de enunciados nos mostra que no *Twitter,* bem como em outras redes sociais, os perfis não se atêm a um tema ou papel social, como a de um jornalista que vai apenas transmitir notícias ou de um padre que vai apenas dar conselhos espirituais ou coisas assim, mas permitem tratar de diversos assuntos nas mais diversas esferas sociais e de interesse. Daí a importância do uso da cenografia para localizar estes discursos e seu contexto de produção.

[32] *Storie* é o nome dado a uma ferramenta que permite publicação de textos verbais, textos não-verbais e textos híbridos nas redes sociais. Estas postagens ficam disponíveis por 24 horas para visualização.

O presente tuíte teve 159 comentários, 606 compartilhamentos e 10300 curtidas. Ainda que sejam números menores que os de assuntos religiosos-filosóficos, não é uma interação que possa ser vista com alguma irrelevância.

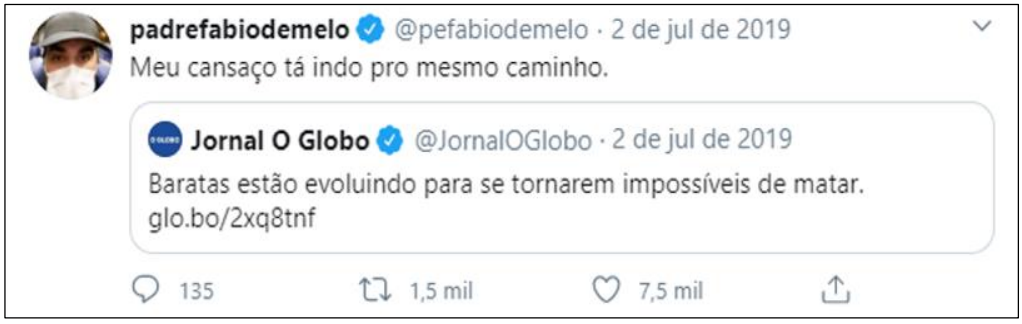

Figura 38

A Figura 38 apresenta um diálogo com outra notícia do jornal O Globo. Observamos nesta construção que o autor, valendo-se do enunciado do periódico, compara seu cansaço às baratas, que, segundo o jornal, estão evoluindo. Este recurso, de dialogar com outros textos, mas trazendo-os à postagem, auxilia na escrita do tuíte à medida que incluir uma imagem não altera o número de caracteres da postagem, apenas letras, espaços e *emojis*.

Observamos também que neste enunciado o autor utiliza a abreviação do verbo estar, substituindo a forma “está” por “tá”, bem como da aglutinação da preposição “para” e o artigo “o” em “pro”. Estas abreviações dão uma característica informal ao discurso e são recursos, como mencionado anteriormente, raramente utilizados pelo autor. Esta alteração nos leva a inferir que o assunto e o objetivo do discurso interfere nos recursos que o enunciador lança mão para construir seu texto e se aproximar dos seus leitores, ou seguidores, no caso do *Twitter*.

Um dos recursos das cenas genéricas, como aponta Maingueneau (2015, p. 122), o “uso específico de recursos linguísticos”, atesta este formato de construção discursiva, na qual o enunciador possui um bom repertório que, por vezes de modo inconsciente, vai utilizando para construir seu discurso.

Figura 39

O enunciado da Figura 39 mobiliza o conhecimento de mundo para que haja uma compreensão do discurso. Ou seja, ao nominar uma pessoa, aqui Mark Zuckemberg, fundador e principal acionista do *Facebook* e outras redes sociais, o autor se dirige aos usuários do *Twitter* que, no universo digital, possivelmente devem saber de quem se trata.

Destacamos nesse tuíte que, ao utilizar a expressão “os trem”, temos uma marca linguística própria do falar consagrada no estado de Minas Gerais, presente no discurso, estado de origem do autor[33]. Essa particularidade no enunciado traz uma informalidade para o discurso, ao mesmo tempo em que revela que algum sistema pertencente a Zuckemberg apresenta problemas de funcionamento[34], ressaltado pela expressão, também informal, “tá tudo parado”.

Podemos observar que este discurso tem um caráter informativo, mas se difere da notícia por não ter a formalidade que este gênero exige. Ademais, não há expectativa de que um padre se ativesse à construção desse gênero discursivo.

Se considerarmos que muitos usuários possuem mais de uma rede social, talvez possamos entender melhor as interações desse tuíte, que ocorreram na casa dos milhares em todas formas: 1,1 mil comentários, 30,8 mil retuítes e 128,6 mil curtidas.

Não temos condições, entretanto, de afirmar se os mais de mil comentários, por exemplo, foram sobre a variação linguística encontrada, a paralisação de sistemas ou de um outro assunto não relacionado ao discurso produzido.

Figura 40

Na Figura 40, o autor apresenta um enunciado em que faz uma marcação de tempo que dialoga com o discurso presente na Figura 39, sobre a oscilação de redes sociais. Porém, o autor faz uma comparação da lentidão do sistema e de si mesmo.

[33] Pe. Fábio de Melo é natural de Formiga, Minas Gerais.
[34] Numa breve consulta à internet, encontramos a informação de que no dia 03 de julho de 2019, três grandes redes sociais (*Facebook, WhatsApp* e *Instagram*), todas pertencentes a Mark Zuckemberg, tiveram oscilações de funcionamento a nível mundial.

Este recurso enunciativo também quer provocar humor, ponto recorrente nas postagens do autor, que alterna em seus discursos entre o padre e a pessoa Fábio de Melo.

Tais construções, sejam da informalidade do tema ou de recursos utilizados, aproximam o autor do leitor nas redes sociais, pois a interação informal é uma das características permitidas pelo gênero tuíte.

É notório também que, ainda que mantenha um mesmo assunto, mas de um viés não técnico, que é uma paralisação de sistema, mas comparando com o que sente naquele momento, o autor consiga gerar uma interação substancial, observados nos 892 comentários, nos 67,8 mil compartilhamentos e nas 130,6 mil curtidas.

Diante dessas análises e ao observarmos as postagens do Pe. Fábio de Melo, verificamos que em três dias de coleta de dados tivemos 09 postagens, mas o número de mais de 400 mil interações, sendo 306840 interações nos assuntos de humor e 11299 nas de caráter religioso, ainda que dentre postagens trazidas, apenas 2 se inscrevem neste último tema.

Numa verificação mais atenta, é perceptível que a representação social de um religioso tem um peso nas postagens, pois as interações que são realizadas a partir de postagens nesse âmbito sugerem que as pessoas seguem o líder religioso em busca de enunciados que estão nesta esfera discursiva.

Além disso, observamos também que o autor pouco se vale dos recursos de abreviação para construir seus enunciados, mas a linguagem coloquial é presente no discurso. Ademais, esta informalidade aproxima o autor dos usuários, pois no *Twitter,* bem como em outras redes sociais, este nível discursivo é permitido.

É preciso dizer também que pudemos perceber o papel do mídium na construção do discurso e como estes enunciados foram aceito pelos interlocutores. A título de exemplificação, se o discurso produzido pelo padre ocorresse dentro de um templo, teria um sentido diferente se este mesmo discurso tivesse sido produzido no *Twitter*. Na igreja podemos ter uma pregação para os fiéis que ali se encontram, ao passo que nas redes sociais podemos ter diferentes esferas discursivas, inclusive a religiosa, mas teríamos uma mudança de suporte, interlocutores, enfim, de espaço enunciativo.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo investigar como a língua se molda às redes sociais, mais especificamente ao *Twitter*, cujas postagens chamamos de tuíte, e fomos delineando suas especificidades, que o foram estabelecendo como gênero discursivo. Além disso, observamos, por meio da interação nos tuítes produzidos, como as essas adaptações se refletiam nas relações sociais entre os autores e seus seguidores nessa rede social.

Esta proposta surgiu a partir das observações do pesquisador, professor de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio, de como seus alunos utilizavam as redes sociais para comunicações cotidianas e as operações linguísticas envolvidas neste processo.

Para tanto, partimos do pressuposto bakhtiniano de enunciado para entendermos a relação entre gênero discursivo e enunciação, que reflete na formação de novos gêneros e permite compreender as nuances de seu funcionamento. As considerações de Bakhtin sobre o tema nos levaram a buscar na Análise do Discurso Francesa, sobretudo nos estudos de Michel Foucault sobre a linguagem, o escopo teórico que subsidiaria nossas análises. Contudo, numa ampliação dos estudos foucaultianos, encontramos nas reflexões sobre cenografia, do também francês Dominique Maingueneau, o aporte teórico e as categorias de análise para entender o processo de construção discursiva do *Twitter*.

A partir desses estudos, verificamos que, permeado pelas cenas englobantes e cenas genéricas, o discurso se materializa numa cenografia em que o contexto de produção e os interlocutores envolvidos vão apontando caminhos para que a linguagem vá se moldando às necessidades naquela cena enunciativa. Porém, para que se pudéssemos fazer tais observações, foi indispensável considerar o mídium em que o discurso era construído.

Uma vez que mídium não é apenas um suporte ou meio de transmissão do discurso, mas todos os elementos que estão interseccionados para a produção de enunciados, pudemos ter uma visão mais ampla sobre o contexto de produção, tempo histórico dos discursos produzidos, bem como a representação social de seus autores e o de interesse dos interlocutores materializados nas interações sob a forma de comentários, compartilhamentos e curtidas dos discursos.

Trazendo essas considerações para o ambiente virtual, fizemos uma breve reflexão sobre o impacto da internet na comunicação interpessoal e como as redes sociais têm modificado a maneira das pessoas se relacionarem, o que interfere no próprio funcionamento da sociedade. Para este tema, trouxemos estudiosos da cibercultura e sociedade, como Raquel Recuero e Pierre Lèvy, entre outros, que nos auxiliaram na compreensão mais clara sobre a relação entre a sociedade e a comunicação mediada por computadores.

Estes estudos permitiram observar as mudanças pelas quais a sociedade tem passado com o advento e evolução do mundo tecnológico digital, principalmente após o surgimento das redes sociais, que tornou possível se comunicar com um número muito maior de pessoas simultaneamente. Assim, o discurso produzido se estende a todas as pessoas que estão conectadas por aquela rede social, embora o modo como cada um recebe esse discurso seja de uma maneira individual.

Considerando, por outro lado, que cada indivíduo tem na linguagem seu ponto mais expressivo de interação social, vimos a necessidade de verificar como as relações sociais se estabelecem no *Twitter* a partir das interações discursivas. Para isso, selecionamos dois perfis desta rede social, sendo um jornalista e um padre católico, e analisamos as postagens realizadas por eles no período de três dias: 01, 02 e 03 de julho de 2019.

Pudemos observar que as produções discursivas variavam de temas, não se restringindo ao papel social que exercem, mas também de interesse particular dos próprios autores. Tal fato demonstra a viabilidade das cenas da enunciação como categoria de análise, ao mesmo tempo em que a Linguística Aplicada auxiliava na verificação das interações sociais ocorridas.

Para verificação da interação, foi observado o número de comentários, compartilhamentos e curtidas de postagens e os campos de interesse dos seguidores dos perfis analisados, bem como os papéis sociais que os autores exerciam, considerando o contexto de produção do enunciado. Vale destacar que as análises foram realizadas separadamente, dado o número de seguidores que cada perfil possui no *Twitter.*

Constatamos em nossa análise que os discursos de ordem jornalística registravam maior interação do que as de ordem pessoal ao verificar as postagens do

jornalista Guga Chacra. E mesmo dentre os enunciados na esfera jornalística, percebíamos diferença de reações dos usuários para os temas apresentados.

Este dado nos aponta para um grupo de usuários que interage quando percebida a representação social do jornalista, mas que não o faz quando há discursos privados. Aponta ainda para o tuíte como um gênero discursivo emergente à medida que um mesmo enunciador pode construir diferentes discursos, mas num mesmo espaço virtual, ou ciberespaço, para utilizar os dizeres de Lèvy (1999).

Da mesma maneira, os enunciados construídos pelo autor religioso se comportavam de modo diferente, conforme as interações dos usuários. Contudo, ao contrário do anterior, as postagens de cunho pessoal, em grande parte com o objetivo de provocar humor, geravam mais interações do que as de outra ordem, ainda que apenas 20% das postagens tenham sido de cunho religioso. Isso ratifica que o público que segue estes autores nas redes sociais tem interesses distintos uns dos outros, embora não se possa afirmar que a mesma pessoa esteja seguindo os dois autores.

Vale salientar que estas trocas de papéis sociais (jornalista, religioso, pessoa comum) só foi possível na proporção em que ocorreram por se tratar de pessoas conhecidas dentro e fora do ambiente virtual. Se considerarmos uma pessoa comum, sem expressão midiática, dificilmente teríamos as interações encontradas, bem como as alterações de cenografia que ocorriam a todo tempo.

Sobre a cenografia, Maingueneau (2015) nos aponta que ela se estabelece nos gêneros discursivos tratados num mesmo mídium, independente se estes se modificam ou não, como é o caso do ambiente virtual, porém a cenografia se altera de acordo com as trocas discursivas dos interlocutores e com a finalidade de cada discurso. Não tivemos alteração do mídium para elaboração do discurso, mas os enunciados ali construídos permitiram a observação de comportamento do gênero tuíte, sobretudo no uso da língua, objetivo desta pesquisa.

Dessa forma, vemos que a língua, sempre dinâmica, sofreu alterações de ordem estrutural em sua forma de escrita, com abreviações, sobretudo, para que assim pudesse atender ao gênero tuíte, cuja plataforma de escrita restringe a escrita em 280 caracteres, porém não perdeu sua compreensão discursiva. Além disso, esta limitação impõe aos usuários uma elaboração mais objetiva do enunciado, sem que se perca, contudo, a essência comunicativa do discurso.

Observamos, ainda, que o tuíte, como gênero, aceita diferentes formas de composição, como o uso de *emojis*, que expressam sensações e estas não precisam ser descrita, garantindo maior espaço para escrita, e *links* de outros *sites*, como os de cunho noticioso, funcionando como uma espécie de chamada para um texto maior, cabendo ao usuário decidir se o texto sucinto no tuíte é suficiente ou não.

Encerramos esta pesquisa observando que o campo de formação de gênero em ambiente digital ainda possui muitas variáveis para serem pesquisadas, confirmando o conceito de Bakhtin (2011) sobre gênero do discurso e de como este é constituído a partir da enunciação.

Referências

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel e MONTARDO, Sandra (orgs). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação.** São Paulo: Momento Editorial, 2009.

ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. (orgs). **Redes sociais e ensino de Línguas:** o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online:** textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONINI, A. **Mídia, suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. v.11, n 3, p. 679-704, 2011.

BUZATO, Marcelo El Khouri. Três concepções para o estudo de redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. (orgs). **Redes sociais e ensino de Línguas:** o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 33-48.

BOYD, Danah M; ELLISON, Nicole B. **Social Network *Sites*:** Definition, History, and Scholarship. Journal of Computer-Mediated Communication, 13 (1), pp. 210-230. Disponível em: http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x/epdf Acesso em 04 de fev. de 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CELANI, Maria Antonieta Alba. Afinal, o que é Linguística Aplicada? In: PASCOAL, Mara Zanotto de; CELANI, Maria Antonieta Alba (orgs). **Linguística Aplicada:** da aplicação da linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992. p. 15-23

CELANI, Maria Antonieta Alba. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 115-126.

CRYSTAL, David. **Language and the Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de "desaprendizagem": redescrições em curso. In.: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (org). **Estudos do Discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 8ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 20ª Ed. São Paulo: Loyola, 2010.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HERBERMAN, B. A. et al. *Social networks that matter: Twitter under the microscope.* Disponível em https://firstmonday.org/article/view/2317/2063 Acesso em: 04 de fev 2019.

KOCH, Ingedore G. Villaça, BENTES, Christina e CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Intertextualidade:** diálogos possíveis. São Paulo, Cortez, 2007.

LÈVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LÈVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo, Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e Análise do Discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção de sentido. São Paulo: Cortez, 2010.

MENDES, Heloisa Mara. **Enunciação aforizante no *Twitter*:** uma análise discursiva da *hashtag* #aprendinoenem. Revistas Unisinos. Vol. 16, n. 2, mai/ago 2018, p. 216-224. Disponível em https://core.ac.uk/download/pdf/228899618.pdf Acesso em 09 de junho de 2020.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A Transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 101-114.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Da aplicada de Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar.** Disponível em:

https://ufscdeutsch2010.files.wordpress.com/2010/10/nps156.pdf Acesso em 13 de maio de 2019.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (org). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

NARZETTI, Claudiana. **As linhas de análise do discurso na França nos anos 60-70**. RevLet – Revista Virtual de Letras. V. 2, Número 02/2010 ISSN: 2176-9125, 2010, p. 51-70.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. (org). **Estudos do Discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** 12ª Ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura.** 4ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à formação do óbvio.** Campinas, SP: Unicamp, 2009.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és:** a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. Revista da Famecos, Vol. 1, Nº 38/2009. p. 118-128

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet***.* Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, Raquel. Discurso mediado por computador nas redes sociais. In: ARAÚJO, Júlio; LEFFA, Vilson. (orgs). **Redes sociais e ensino de Línguas:** o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 17-32

SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (orgs). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998.

SILVA, Glayse Ferreira Perroni da. **O *Twitter* como um novo gênero digital para o ensino da língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto.** Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté. Taubaté – SP: 2013, 157 páginas.

SOARES, Alexandre Ferrari et alii. Maingueneau. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. (org). **Estudos do Discurso:** perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 261-279.

TELLES, J. A. **“É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem!”** Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. *Linguagem & Ensino,* v. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.